



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

TADEU LUCIANO SIQUEIRA ANDRADE

**O ITEM LINGUÍSTICO *ONDE* NA COMUNIDADE DE FALA DE JOÃO
PESSOA – PB: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

**João Pessoa
2009**

TADEU LUCIANO SIQUEIRA ANDRADE

**O ITEM LINGUÍSTICO *ONDE* NA COMUNIDADE DE FALA DE JOÃO
PESSOA – PB: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Variação e Mudança. **LINHA DE PESQUISA:** Teoria e análise linguística.

ORIENTADOR: Prof^a. Dra. Maria Elizabeth Afonso Christiano

João Pessoa
2009

TADEU LUCIANO SIQUEIRA ANDRADE

**O ITEM LINGUÍSTICO *ONDE* NA COMUNIDADE DE FALA DE JOÃO
PESSOA – PB: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Variação e Mudança. **LINHA DE PESQUISA:** Teoria e análise linguística.

ORIENTADOR: Prof^ª. Dra. Maria Elizabeth Afonso Christiano

Aprovada em: 16 de fevereiro de 2009

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria Elizabeth Afonso Christiano - UFPB
(Presidente – Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Iara F. Melo Martins
(2º Membro)

Prof^ª. Dr^º. Camilo Rosa Silva
(3º Membro)

Dedico esta Dissertação à memória de meu Pai, Antonio José de Andrade. Em 19 de maio de 2005, no limiar de seu aniversário, o senhor partiu para uma morada que não fora feita por mãos humanas, deixando um vazio, uma saudade em nossos corações. Mas, quando amamos, deixamos livre, deixamos também partir quando não é mais possível ficar. Entretanto, o Deus que o levou nos consola. Quando a saudade aperta, Ele também nos alenta. Papai, a sua partida não nos separou, o senhor continua presente, porque, como diz Rui Barbosa:

A morte não extingue: transforma;

Não aniquila: renova;

Não divorcia: aproxima.

A conclusão de qualquer etapa na vida requer esforço, dedicação e seriedade, porque temos compromisso com nós mesmos para testarmos nossa capacidade e empenho. Mas o júbilo deve ser compartilhado, já que nunca estamos sozinhos em nenhuma circunstância da vida. Por isso,

AGRADEÇO

A Deus, ser supremo, autor da vida. Sem Ele, nada seria possível.

A meus pais, Luíza e Antonio.

A vocês que me deram o presente mais precioso, a vida; resguardaram-me das intempéries e dos perigos. A vocês que, por circunstâncias diversas, não tiveram acesso ao conhecimento formal, porém, a vida lhes oportunizou as experiências e o saber do dia-a-dia. Mas, por isso, não venderam a sua dignidade nem anestesiaram a consciência. Foram meus primeiros mestres na senda do aprender. Preocuparam-se com a formação de seus filhos, Janeide, Gésma, Marcos e Tadeu Luciano, dando-lhes a maior herança, o conhecimento, para que, através do saber, enfrentassem os obstáculos da vida e refugassem das trevas da ignorância. Hoje, procuro palavras para expressar meus sentimentos, mas consigo apenas dizer:

MUITO OBRIGADO e ETERNA GRATIDÃO

Aos meus Professores do Programa de Pós Graduação em Linguística – UFPB: Dermeval da Hora, Eliane Ferraz, Elisabeth Christiano, Fátima Melo, Lucienne Espíndola, Márcio Leitão, Regina Celi, pelas aulas, verdadeira troca e aquisição de conhecimento, e pelas novas descobertas na área da linguística.

A Dermeval da Hora, pelo seu empenho na coordenação do PROLING e dedicação nos estudos da Sociolinguística variacionista;

A Vera Lima, pela atenção para com os discentes;

A Elisabeth Christiano, por ter me orientado nos caminhos da linguística funcional;

Aos colegas, alunos do PROLING, pelas horas de descontração e boas histórias nos intervalos;

Um agradecimento especial a Fábio Pessoa, pela revisão e organização final do texto e pela atenção dispensada a mim durante a minha estada em João Pessoa;

A Alba Alencar, amiga-irmã, pela elaboração dos gráficos e tabelas.

Aos amigos Carlos Félix e Roberto Bueno, pela elaboração do *abstract*.

Cada um de nós compõe
A sua própria história
E cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz,
De ser feliz.

(Almir Satter e Renato Teixeira)

RESUMO

Esta pesquisa trata de uma análise do comportamento do item linguístico *onde* nas entrevistas que compõem o Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), focalizando a comunidade de João Pessoa – PB. Este item apresenta diversas funções no discurso implementadas pela gramática. Fundamentando-se no quadro teórico do funcionalismo norte-americano e apresentando uma abordagem pancrônica, a pesquisa descreve sumariamente as funções do *onde* do português arcaico ao contemporâneo. No que se refere ao comportamento multifuncional desse item, consideraram-se dois princípios que norteiam esse fenômeno: a gramaticalização e a iconicidade. Os resultados obtidos atestam que a multifuncionalidade do *onde* é decorrente das pressões de uso, da cognição e das necessidades comunicativas e discursivas do falante. Defende-se, portanto, que esse item esteja sofrendo um processo contínuo de abstratização de sua função prototípica, influenciado pela gramaticalização.

Palavras-chave: gramaticalização, funcionalismo, gramática, discurso, abstratização, iconicidade.

ABSTRACT

This research aims at analysing the behaviour of the Portuguese linguistic term *onde* (“where”) from the Project VALPB’s data, focusing on the linguistic community of the city of João Pessoa-PA. This linguistic item presents a myriad of functions in the discourse grounded on grammar. Having Functionalism as the theoretical background and presenting a diachronic/synchronic approach, this study describes detailed functions of *onde* from the old-Portuguese to the current Portuguese. Concerning the multifunctional behaviour of *onde*, two functionalist principles shed light upon this phenomenon: the iconicity and grammaticalisation. The findings show that this phenomenon suffers different nature influences: cognitive, usage pressures, pragmatics and discourse. Besides, it is attested that *onde* is undergoing an abstraction process on its prototypical structure which constitutes an in-progress grammaticalisation.

Keywords: Grammaticalisation, Functionalism, Grammar, Discourse, Abstraction, Iconicity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comportamento lingüístico do <i>onde</i> no Latim	23
Quadro 2 comportamento lingüístico do <i>onde</i> - do Português arcaico ao contemporâneo	24
Quadro 3 – Síntese do comportamento do <i>onde</i> em algumas cidades brasileiras	28
Quadro 4 – Descrição do comportamento do <i>onde</i> nos dicionários	31
Quadro 5 – Funções do <i>onde</i> nos compêndios gramaticais	35
Quadro 6 – Distribuição dos informantes conforme as variáveis sociais	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das macrofunções do <i>onde</i> no falar pessoense	58
Gráfico 2 – Distribuição das microfunções do <i>onde</i> no falar pessoense	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 OS CAMINHOS DO <i>ONDE</i> : DO LATIM AO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO	17
1.1 A origem do <i>onde</i>	17
1.2 O <i>onde</i> no latim vulgar	17
1.3 O <i>onde</i> no latim clássico: algumas palavras	18
1.4 O <i>onde</i> nas diversas fases do português	20
1.4.1 O período arcaico	20
1.4.2 O período medieval	21
1.4.3 O período clássico	21
1.4.4 O período contemporâneo	21
2 O <i>ONDE</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ALGUNS ESTUDOS	25
3 O <i>ONDE</i> NOS DICIONÁRIOS E NAS GRAMÁTICAS	29
31 Que dizem os dicionários	29
32 Que dizem as gramáticas	31
4 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL	37
4.1 Um breve histórico	37
4.2 O funcionalismo norte-americano	38
4.3 A gramática no funcionalismo	40
4.4 A Gramaticalização	42
4.4.1 Alguns fenômenos da gramaticalização	46
4.4.2 A gramaticalização e a unidirecionalidade	48
4.4.3 A gramaticalização e os processos metafóricos	48
4.4.4 A gramaticalização e os processos de Hopper	50
4.4.5 A reanálise e a analogia na gramaticalização.	52
4.5. O princípio da iconicidade	53
4.5.1. A iconicidade e os seus subprincípios	54
5. O <i>ONDE</i> NO FALA PESSOENSE: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA	56
5.1 Caracterização dos informantes	56
5.2 Descrição e análise dos dados	57
5.3 As funções do <i>onde</i> no falar pessoense	58

5.3.1 <i>Onde</i> canônico	58
5.3.2 <i>Onde</i> semântico-pragmático	61
5.4 O Processo de Gramaticalização do <i>onde</i>	68
5.4.1. A reanálise e a analogia na gramaticalização do <i>onde</i>	71
5.4.2. O <i>onde</i> e a unidirecionalidade Que caminho seguir?	72
5.4.3 O <i>onde</i> e os princípios de Hopper	74
5.5 O <i>onde</i> e o princípio da iconicidade	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

Estudar o comportamento de um item linguístico nos usos de uma comunidade de fala implica analisar fatores distintos: internos e externos. Os fatores internos são inerentes às mudanças fonéticas, morfossintáticas, lexicais e semânticas que ocorrem na gramática da língua; os externos correspondem às mudanças que a língua apresenta influenciada pelo contexto sócio-cultural e discursivo. Embora esses fatores sejam considerados distintos, interrelacionam-se, uma vez que não podemos descrever a língua desvinculada do contexto em que está inserido o falante.

Na língua, há itens que apresentam uma só forma com várias funções e vice-versa. Entre esses itens, citamos o *onde*, que, possuindo um comportamento plurifuncional, assume outras funções, além das elencadas pela gramática tradicional (doravante GT). Por isso, torna-se impossível inseri-lo em uma categoria gramatical específica.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de dados coletados pelo VALPB (HORA e PEDROSA, 2001). Esse projeto, tendo como objetivo apresentar dados da realidade linguística da comunidade de fala de João Pessoa – PB, traça um perfil nos níveis fonético, fonológico, morfossintático, semântico, discursivo e pragmático do falar pessoense. Fundamentando-se na perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística laboviana e analisando os fatores sociais que interferem nos usos da língua, os pesquisadores desse projeto selecionaram sessenta informantes para as entrevistas, considerando-se as variáveis sociais, como gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

Em uma análise preliminar dessas entrevistas, percebemos que o *onde* apresenta uma diversidade de usos. A partir daí, despertou-nos o interesse em analisar o caráter multifuncional desse item no falar pessoense. Para análise e descrição do fenômeno, utilizamos as doze entrevistas que compõem o volume III do VALPB. Escolhemos esse volume, por ele apresentar um maior número de ocorrências do *onde* em relação aos demais. Registramos cento e três ocorrências desse item com usos distintos no processo comunicativo. Não consideramos a distinção entre as formas *aonde/onde*, segundo prescreve a GT, porque, nos dados, essas formas constituem variantes.

Nesta pesquisa, usamos a seguinte metodologia: adoção do método qualitativo para entender os diversos comportamentos do *onde* nas diferentes situações comunicativas. Embora

nosso estudo não seja quantitativo, para dar suporte à interpretação qualitativa, adotamos o método quantitativo dos dados obtidos, fundamentado em percentuais a fim de observarmos a frequência das funções assumidas por esse item. No cômputo do percentual dos dados, utilizamos o programa *Microsoft Excel*.

Consultamos também a literatura que trata do fenômeno em análise, descrevemos o comportamento do *onde* nos compêndios gramaticais e dicionários.

Como se trata de um fenômeno que ocorre na interação, o comportamento plurifuncional do *onde* foi abordado à luz do funcionalismo norte-americano. Aplicamos ao fenômeno dois princípios da linguística funcional: a gramaticalização e a iconicidade. Utilizamos a pancronia. Desse modo, para compreendermos os usos do *onde* na sincronia, recorreremos à diacronia. Daí, consultamos textos diversos, por exemplo, a *Demanda do Santo Graal*, cantigas trovadorescas, autos vicentinos, *Os Lusíadas*, cartas de Pe. Vieira, a *Carta de Caminha* e outros, observando o comportamento sintático-semântico e pragmático desse advérbio nas diferentes sincronias do português, levamos em conta também o uso desse item nas duas modalidades do latim: vulgar e clássico. Para os textos dos períodos arcaico e clássico do português, retomamos as conclusões acerca do *onde* de Mattos e Silva (1989), Panta (2006), Bonfim (1993) e outros constantes nas referências.

Delimitando o problema e definindo a teoria linguística que fundamenta esta análise, aventamos as hipóteses que serão confirmadas ou refutadas no decorrer da pesquisa. Procuramos as possíveis respostas para a diversidade de usos do *onde* no falar pessoense: (i) o caráter híbrido – pronome/advérbio – desse item nos compêndios gramaticais; (ii) o processo de abstratização de sua função prototípica na trajetória da gramaticalização; (iii) a possibilidade das variadas funções decorrentes de usos em outros estágios da língua; (iv) as diversas funções do *onde* no discurso, além das elencadas pela GT.

Consubienciado nas hipóteses, este trabalho tem como objetivo: abordar, numa perspectiva funcional, o comportamento sintático-semântico e pragmático do *onde* na comunidade de fala de João Pessoa. Elegemos objetivos mais específicos que podem auxiliar na concretização do anterior; (i) situar os usos do *onde* no latim e no português, observando esses usos nas diferentes sincronias do português; (ii) elencar o tratamento que as gramáticas e os dicionários dispensam ao *onde*; (iii) descrever e analisar, no *corpus*, as funções desse item.

Este trabalho é dividido em cinco capítulos:

No **capítulo I**, iniciamos uma viagem no túnel do tempo: recorreremos à etimologia do *onde*. Descrevemo-lo no latim vulgar e no clássico. Adotando o método da pancronia, analisamos os diversos comportamentos desse advérbio nas diferentes sincronias do português.

O **capítulo II** faz uma descrição dos trabalhos acerca do *onde* no português brasileiro (doravante PB). Coletamos estudos que mostram o comportamento desse item em algumas cidades do Brasil, tais como Salvador (BA), Porto Alegre (RS), Natal (RS), Florianópolis (SC), Caxias do Sul (RS), João Pessoa (PB), Campo Grande (MS), Pato de Minas (MG). Esses trabalhos demonstram, à luz de teorias linguísticas, a exemplo da textual, cognitiva e funcional, as várias funções em algumas comunidades de fala do português brasileiro (doravante PB).

Como o *onde*, nos compêndios gramaticais, apresenta uma classificação híbrida no que tange à sua categorização e entre os gramáticos há divergências e convergências acerca do comportamento morfossintático desse item, no **capítulo III**, descrevemos o ponto de vista dos gramáticos de diferentes épocas acerca do comportamento desse advérbio. Embora nossa pesquisa não seja de cunho comparativo, consultamos gramáticas de diferentes períodos da história da língua, como Soares Barbosa (1716), Maciel (1931), João de Barros (1957), Pereira (1958), Said Ali (1963), Mattoso Câmara (1975), Melo (1978), Celso Cunha e Cintra (1985), Luft (1987), Almeida (1994), Rocha Lima (1994), Macambira (1997), Bechara (2000) e Cegalla (2005). Dando continuidade à descrição do comportamento do *onde*, achamos importante consultar também alguns dicionários etimológicos e gerais, visando não só à origem, formação e evolução desse item, como também as suas funções. Consultamos Freire (1954), Machado (1958), Silveira Bueno (1974), Geraldo da Cunha (1982), Ferreira (1986), Borba (2002) Houaiss (2004).

A constatação dos fenômenos linguísticos de natureza híbrida e emergente propicia perguntas importantes quanto à teoria linguística de que precisamos para a análise e descrição desses fenômenos. Assim, no **capítulo IV**, buscamos, no funcionalismo norte-americano, as bases teóricas para compreendermos o uso da língua em interação. Elucidamos dois princípios importantes para a linguística funcional: a gramaticalização e a iconicidade. Fundamentamo-nos em Bolinger (1977), Hopper (1987), Givón (1979, 1991), Heine (1991), (1991), Votre (1992) Hopper e Traugott (1993), Martelotta (1994, 1996, 2008), Castilho (1997, 2001, 2002), Neves (2000a), Neves (2000b), Furtado da Cunha (2001, 2003 e 2008), Christiano (2004), Silva (2004), Martins (2004), Tavares (2004, 2007), Gonçalves *et al* (2006).

Coletados os dados, interpretamo-los à luz do funcionalismo norte-americano. No **capítulo V**, reunimos as funções do *onde* em dois grupos que apresentam macrofunções: onde canônico e onde semântico-pragmático. Desses, surgiram funções mais específicas, ou seja, as microfunções. No primeiro, inserimos as funções postuladas pela GT, no segundo, as mais abstratas. Vislumbramos que essas funções fazem parte da gramática e do discurso. Assim sendo, não podemos estudar a gramática sem discurso e vice-versa. Procedemos à interpretação dessas funções seguindo dois caminhos: a gramaticalização e a iconicidade, que embasaram a abstratização crescente dos papéis semânticos do *onde*.

Nas **considerações finais**, expomos algumas conclusões a que chegamos acerca do comportamento multifuncional desse item e sua trajetória de gramaticalização, apresentamos nossas reflexões sobre aspectos gramaticais, semântico-pragmáticos e discursivos que norteiam a dinâmica dos usos e da mudança linguística.

1 OS CAMINHOS DO ONDE: DO LATIM AO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

1.1 A origem do *onde*

Sendo o português uma língua românica, consequência da transformação do latim vulgar, a pesquisa que estamos realizando acerca do *onde* apresenta um aporte pancrônico, uma vez que entrecruzamos a sincronia e a diacronia. Por isso, é necessário o recuo na história da língua para averiguarmos a origem, trajetória e o comportamento atual de itens nos usos linguísticos. Seguiremos, portanto, dois caminhos: o latim, considerando o latim vulgar e o clássico. Em seguida, entraremos nas diferentes sincronias do português.

Macambira, ([1970] 1997, p. 173) advoga que o *onde* vem do étimo *qu*, um radical indo-europeu que, sofrendo modificações fonéticas, difundiu-se por vários idiomas europeus e asiáticos. Segundo o autor, a raiz desse item conservou-se integral em: *qual*, *quando*, *quanto*, *quão*, ao passo que em *que*, *quem*, *como*, *cujo*, houve a perda da semivogal, sendo conservada a oclusiva /k/ seguida de *a*, por exemplo, *qual*, *quando*. Em relação às formas *como* e *cujo*, trata-se de uma questão ortográfica e adaptação fonética, por que as formas primitivas seriam *quē*, *quēm*, *quomo*, *quujo*, conservaram a raiz *quo*.

Com referência ao *onde*, concluímos que etimologicamente essa forma vem de *quonde*, que apresentou a seguinte trajetória: sofre a erosão fonética, perdeu a oclusiva /k/ e a semivogal /w/. Esse fenômeno resultou no estágio zero da forma.

1.2 O *onde* no latim vulgar

Para Lindsay (1937, p. 141), as formas *ūbi* e *unde* pertenciam à categoria dos advérbios pronominais formados por sufixo *-bi* (antigo *-bei*) com o sentido locativo, como *ubi* – *lugar em que* e *-nde* indicando movimento: *lugar a que*. Esse processo nos leva a crer que se trata do ressurgimento da forma *u* que havia desaparecido no indo-europeu. Conforme Bastardas Pereira (1953, p. 72), o uso pronominal desses advérbios remete ao latim arcaico, fase que corresponde ao período da formação e expansão do latim na Península Ibérica.

Conforme Souza (2003), o relativo *ubi* (lugar onde) substituíra, às vezes, o advérbio *quo* (para *onde*) e *unde* substituíra *ubi*. Existia, assim, uma covariação que pode ter oportunizado as duas formas que até hoje permanecem nos compêndios gramaticais *onde* (lugar em que) e *aonde* (lugar a que), mas nem sempre essa acontece na língua em interação. As duas formas são usadas indistintamente.

Segundo Maurer Junior (1959), os pronomes relativos clássicos foram conservados no latim vulgar, apesar de haver o desaparecimento de algumas formas. O *onde*, como advérbio de lugar, interrogativo e relativo, era incluído na categoria dos advérbios pronominais, apresentando duas formas *ubi* e *unde*, ambas com a função de complemento circunstancial, isto é, de adjunto adverbial.

Dessa forma, tudo nos leva a concluir que, no latim vulgar, existiam duas formas para o advérbio *onde*: *ubi* e *unde*.

Analisando alguns textos escritos em latim, encontramos mais recorrente o uso da forma *ubi*. Deduzimos que essa forma, em se tratando de uso, era a majoritária. No aspecto semântico, esse advérbio podia apresentar dois sentidos espaciais: espaço temporal e espaço físico, conforme observamos nos provérbios:

Ubi lex voluit, dicit; ubi tacuit, noluit – **Quando** a lei quer, fala; quando não quer, silencia.

Ubi Petrus, ibi Ecclesia – **Onde** está Pedro, está a Igreja.

1.3 O *onde* no latim clássico: algumas palavras

No latim vulgar, conforme os estudos analisados, existiam dois itens que representavam as mesmas funções: *ubi* e *unde*. O latim clássico possuía várias estruturas para o advérbio *onde*, por exemplo: *hubi*, *i*, *hu*, *honde*, *ubi* com os mesmos sentidos expressos pelo advérbio relativo. Além dessas, Ravizza (1940, p. 151) mostra uma forma para cada circunstância:

Ubi – responde à pergunta em que lugar se acha alguém? (lugar onde).

Quo – responde à pergunta para onde? Advérbio de lugar (para que lugar).

Unde – responde à pergunta de que lugar alguém saiu? (advérbio de lugar donde).

Qua – responde à pergunta por onde? Advérbio de lugar por onde (o lugar por onde alguém passa).

O duplo sentido físico-temporal exercido pela forma *ubi* no latim vulgar permaneceu também no clássico. O item *ubi* também era usado como um advérbio interrogativo. Gramaticalmente, essas formas pertenciam à classe de advérbio, preposição e pronome relativo e podiam também apresentar os seguintes papéis semânticos: espaço, conclusão, direção, tempo, procedência, causa, explicação, proximidade e outros, conforme demonstraremos no quadro 2.

Carneiro Ribeiro (1955, p. 508) elenca as formas *hum*, *hu* e *u* (do latim *ubi*) que correspondem ao *onde* em português. O *onde*, no latim clássico, ocupava diversas categorias gramaticais, como advérbio, advérbio-relativo, advérbio interrogativo. Além dos vários aspectos semânticos. Saraiva (1993, p. 1237) elenca textos de alguns poetas latinos, a exemplo de Plauto, Lívio, Cícero, César em que ocorrem os diferentes usos do *onde*. Citemos alguns: *no lugar onde – ubi loci*; em qualquer lugar que seja, onde quer que, onde? em que lugar? em que estado? Em que circunstâncias (advérbio interrogativo), quando, depois que, apenas, logo, que, tanto que. Empregado como substituto do *qui*, *quod* e *quae* (com respeito às pessoas), em quem, junto a quem, ao pé de quem, com, em, sobre o qual, por meio de quem ou de que.

Souza da Silveira (1964, p. 133) diz que, no latim arcaico, já havia as formas *u – huc* ou *ubi* com o valor de *onde*.

Cotejando os usos do *onde* no latim vulgar com o latim clássico, podemos concluir que:

- i. Coexistiram duas formas para o advérbio *unde* e *ubi*, sendo a última a forma majoritária. Houve, assim, o processo de variação¹ entre *ubi* e *unde*. Depois, o processo de mudança²: *unde*, aos poucos, foi desaparecendo, dando lugar a *ubi*;
- ii. Tanto no latim clássico como no vulgar, a forma *ubi* apresentava o aspecto semântico duplo, ou seja, espaço físico e espaço temporal;
- iii. Embora o latim vulgar fosse uma língua fluida, não subordinada aos padrões, apresentou um número menor de formas. Com o latim clássico, ocorreu o contrário: uma diversidade de formas para *onde*.

1.4 O *onde* nas diversas fases do português

1.4.1 O período arcaico

Do século XII ao século XV, compreende-se a fase arcaica do português, que vai desde sua formação, até a “virada” nas artes, nas ciências e nas letras causada pelo Renascimento. Observando dados extraídos de textos, como a *Crestomatia Arcaica* (1944), de J. J. Nunes e Leite de Vasconcelos, as *Cantigas de Amigo*, a *Demanda de Santa Graal* e os *Diálogos de São Gregório*, constantes nos estudos de Mattos e Silva (1989) e Bonfim (1993), Bittencourt (2003) e Panta (2006), constatamos que, neste período, o *onde*, representado por três formas, apresentava diversos sentidos: *u/hu* – espaço, tempo, direção, causa, explicação finalidade, procedência, *unde*: lugar, procedência, lugar não físico; *onde/omde*: lugar, procedência, direção, posse, conclusão.

¹ Definimos a variação como a existência de uma ou mais formas de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade, por exemplo, o duelo dentre *onde* e *aonde* no português atual. (cf. HORA, 2004).

² A mudança consiste na sobreposição de uma variação à outra, ligada à aprovação de valores de um grupo social a uma determinada estrutura linguística. Primeiro, há a coexistência das formas no uso. Depois, uma se sobrepõe à outra, citamos, como exemplo, o uso da segunda pessoa do plural (*vós*) no português brasileiro.

1.4.2 O período medieval

Neste período de transição, a língua falada pelos camponeses, trovadores e vassallos e retratada na poesia trovadoresca dá lugar às crônicas de Fernão Lopes e ao teatro de Gil Vicente. Na análise acerca do *onde* no século XV, recorremos mais uma vez a textos diversos, como hagiografia (vida de santos), tratados, história de cavaleiros medievais e os autos vicentinos. Esses textos já mostram o *onde* em fase de expansão de sentidos, bem como algumas formas em competição – *homde/honde*: lugar, conclusão, *donde/domde*: conclusão, procedência, *onde*: lugar, *u*: advérbio interrogativo e *hu*: causa e conclusão (cf. SAID ALI, 1971; BONFIM, 1993).

1.4.3 O período clássico

Para a análise do uso do *onde* no português deste período, usamos alguns textos presentes na *Gramática da Língua Portuguesa*, de Fernão de Oliveira (edição apreciada e reproduzida por Olmar Guterres – 1954), *Carta de Caminha* e em *Os Lusíadas*, de Camões. Nesses textos, encontramos as formas *donde*, *onde* e *aonde* usadas como sinônimos no sentido de *lugar em que*. A forma *u*, neste período, ainda sobreviveu nos autos de Gil Vicente no sentido de espaço físico. Essas formas exerceram as seguintes funções: lugar, tempo, causa/conclusão. Neste período, nos *Sermões* de Padre Vieira, encontramos, além das funções já citadas para o *onde*, o sentido concessivo *onde quer que seja*, não encontrado nas sincronias anteriores. No período clássico, as várias formas se resumiram apenas em três: *donde*, *onde* e *aonde*.

1.4.4 O período contemporâneo

Respaldando-nos em Teyssier (1990), consideramos português contemporâneo o período compreendido entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, caracterizado pela busca da padronização da língua. As formas *onde* e *aonde* foram usadas como sinônimos, sem observar o sentido do verbo. Sendo assim, não importava se o verbo era estático ou verbo de movimento. *Onde* e *aonde* também eram empregadas com e sem antecedente e exerciam as funções de

advérbio relativo, advérbio de lugar e advérbio interrogativo. Essas formas apresentavam o sentido locativo, seja de direção ou de lugar em que. No português atual, o advérbio *onde* apresenta outras funções além de lugar e tempo, como *lugar mental*, *posse*, *conformidade*, *relação* e outros.

As observações feitas e levando-se em conta a análise do *onde* nas diversas sincronias do português, permitiram-nos a interpretação dos diferentes usos desse item. Com isso, explica-se uma das causas da sua variedade no português atual. Nesse percurso, constatamos que, apesar da redução de formas, houve uma ampliação nos seus significados. Se, por um lado, esse item perdeu formas, por outro, adquiriu outras propriedades semânticas.

O caráter polissêmico do *onde* pode ser resultado da multifuncionalidade que ocorreu no latim, chegou ao português e passou pelas diversos períodos da história dessa língua. Em cada fase, esse item apresentava novas formas e funções. Ora essas formas e funções permaneciam, ora eram reduzidas, desapareceram ao longo do tempo, ressurgindo também em outras sincronias. Esse “vai-e-volta” do *onde* nos usos nas diferentes sincronias do português nos mostram que as mudanças na língua operam em um processo espiral. No português contemporâneo, permanecem apenas às formas *onde/aonde*, mas podemos deduzir, a princípio, que outras funções estão surgindo.

Com a descrição do comportamento do *onde* nas diferentes sincronias do português e observando o caráter dinâmico desse item, chegamos à conclusão de que, em qualquer parte do túnel do tempo em que aterrizarmos, encontraremos um sistema linguístico que, funcionando plenamente, apresentará formas e funções mais remotas possíveis contracenando com formas e funções inovadoras, sem que aquelas desapareçam. Ao contrário, tanto essas formas como as funções podem conviver por muito tempo.

Nos quadros a seguir, sintetizamos o comportamento do *onde*. Observamos suas formas, categorias e funções, contemplando as duas modalidades do latim e as diferentes sincronias do português.

Quadro 1: comportamento do *onde* no latim.

MODALIDADE	FORMAS	CATEGORIA	FUNÇÕES
Latim vulgar	unde/bi	advérbio	Lugar (permanência) Lugar (movimento) tempo
Latim clássico	hubi/i/u/hu/honde/ubi	advérbio preposição pronome relativo	espaço conclusão direção tempo procedência causa explicação proximidade mediador

Quadro 2: comportamento do *onde* – do Português Arcaico ao Contemporâneo

PERÍODO	FORMAS	CATEGORIA	FUNÇÕES
Português arcaico	u/onde/ unde	advérbio	lugar explicação causa procedência conclusão tempo lugar abstrato
Português medieval	u/hu/honde/donde/aonde	advérbio advérbio interrogativo	procedência lugar conclusão causa
Português clássico	u/donde/onde/aonde	advérbio	lugar tempo conclusão causa concessão
Português contemporâneo	onde/aonde/donde	advérbio pronomes relativos	lugar tempo conformidade posse causa conclusão

No próximo capítulo, descreveremos, de forma concisa, os resultados de estudos que fazem uma descrição linguística acerca do comportamento multifuncional do *onde* em algumas cidades brasileiras.

2. O ONDE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ALGUNS ESTUDOS

O *onde*, no PB, segundo algumas pesquisas, apresenta uma diversidade de usos. Os dados obtidos servem de *corpus* para estudos em cursos de graduação e pós-graduação no Brasil. Consultamos algumas dissertações, tese e outros gêneros acadêmicos, constatamos o caráter multifuncional do *onde*. Considerando os dados obtidos, fizemos uma síntese desses gêneros, focalizando o comportamento desse item linguístico em algumas regiões do Brasil.

Andrade (1988), no artigo intitulado *Onde observado na modalidade escrita de um dialeto brasileiro*, analisando os usos desse advérbio em textos produzidos por alunos dos cursos da Universidade Federal da Bahia, concluiu que essa forma apresentava uma diversidade de funções. Foram aplicados exercícios para que os estudantes articulassem sentenças, usando o conectivo *onde*. Esse item fora empregado, com os sentidos de outros elementos coesivos: com que, qual, pois, porque, mas, por isso, contudo, também, com isso, já que, nem, agora, com ele, nele, deste modo, entretanto, sendo que, daí, aqui, dele, e assim. Observando esses papéis sintático-semânticos e confrontando-os com o emprego de *onde* em documentos arcaicos, a exemplo de *Orto do Esposo, O Castelo Perigoso* (século XIV) *Os Lusíadas*, (século XVI), a autora observou que essas funções são remanescentes de estágios anteriores da língua, e não inovações a serem explicadas no âmbito da sincronia.

Na pesquisa *A Palavra Onde no Português do Brasil*, a partir de dados obtidos em textos orais e escritos, na região de Porto Alegre – RS, Kersch (1996) elencou as várias funções do *onde*. Tendo em vista essa diversidade de usos, a autora denominou *onde discursivo*, para os casos do *onde* cujas funções não descritas pela GT, como posse, causa, conclusão e outras. Kersch, confrontando dados sincrônicos e diacrônicos, constatou que a polissemia do *onde* não se trata de uma inovação da língua, mas sim de uma retomada a usos que já ocorreram em diferentes sincronias do português, verificando também que a variedade de funções desse advérbio se dá tanto na língua falada quanto na escrita. O *onde*, de acordo com a pesquisa, apresenta o sentido de posse, lugar abstrato, nocional, conclusão, tempo.

Analisando a multifuncionalidade do *onde* no português falado na cidade de Natal – RN, Oliveira (1997) constatou que esse item apresenta um caráter plurifuncional, por exemplo, espaço físico, conector conclusivo, espaço de tempo, conector causal, marcador discursivo. Essa

diversidade de usos, conforme a autora, não ocorre apenas nos usos atuais, e sim nos diversos períodos do português. Cotejando os dados, a autora resumiu as funções do *onde* em três: espaço discursivo, espaço virtual e texto.

Pires de Oliveira (1998), em *Os caminhos do 'onde': uma contribuição da semântica ao ensino da língua materna*, descreveu o comportamento desse advérbio em textos produzidos por candidatas ao vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. À luz da semântica cognitiva, a autora observou que esse item apresenta uma expansão semântica. Essa expansão não ocorre aleatoriamente, e sim graças à capacidade que o falante tem de projetar e transferir um domínio para outros domínios. Nessa pesquisa, o *onde* é classificado como um item linguístico que se subdivide em: locativo espacial, locativo temporal, locativo abstrato e locativo relativo.

Sartori (1998), em *O uso inadequado de onde e mas em textos de alunos*, analisou produções textuais de alunos do 3º ano do ensino médio de escolas públicas de Caxias do Sul – RS, visando a uma descrição dos usos desse advérbio na perspectiva da linguística textual. Após a descrição e interpretação dos dados, a autora resumiu os usos desse item em: (i) termo anafórico que retoma um antecedente de lugar; (ii) termo que faz referência a um antecedente implícito e (iii) termo catafórico. Como conector, o *onde* estabelecia relações de adversidade, conclusão, causa. A pesquisadora chegou à conclusão de que as relações estabelecidas por esse item estavam adequadas. Embora os usos desse item estivessem em desacordo com a GT, os alunos procuravam manter a coesão e coerência do texto. Para Sartori (1998, p. 167), “a dificuldade reside, então, em admitir que o *onde* possa ser a palavra que assuma essas conexões”.

No artigo, intitulado *A Referenciação anafórica do ONDE em textos jornalísticos*, Maciel (2004) analisou os papéis desse item em cinco recortes discursivos de textos jornalísticos, publicados no jornal *Correio da Paraíba* – nos meses de março, maio e julho de 2002. Fundamentado na linguística funcional, o autor concluiu que o *onde* exercia, naqueles textos, uma função anafórica, retomando não apenas um espaço físico definido, e sim uma situação, espaço nocional e temporal.

Em *A Discursividade do ONDE em textos escritos de alunos e acadêmicos*, Bomfim (2005) descreveu o comportamento do *onde* em textos produzidos por alunos do 3º ano do Ensino Médio, da 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental – redes pública e privada – e universitários de instituições de ensino superior da cidade de Campo Grande – MS. Fundamentando-se nos

pressupostos da lingüística funcional, a autora verificou que o *onde* apresentava um valor polissêmico, assumindo, outras significações, como espacial dentro do texto, de tempo, e, num grau de menor abstratização, de conectores anafórico-discursivos e de um não-fórico com perda de seu sentido original. Bomfim concluiu que esse uso polissêmico ocorre em todos os graus de escolaridade, mas com proeminência, entre os alunos universitários.

Coelho (2001), em *Uma análise funcional do onde no Português Contemporâneo*: da sintaxe ao discurso, observou os usos desse advérbio não só na língua oral, mas também na escrita. A autora analisou textos de imprensa, acadêmicos e literários. No que se refere aos textos acadêmicos, foram descritos o comportamento do *onde* em textos produzidos por falantes de cursos superior de Patos de Minas e Belo Horizonte ambos em MG, constatando-se que alguns usos não constituíam uma inovação, mas sim um processo de variação e mudança lingüística que, há muito tempo, se desencadeou. Nesta pesquisa, conforme os dados obtidos, o *onde* apresentava dois valores: (i) a função locativa e (ii) não-locativa, cujo emprego ultrapassa a função canônica, abrangendo diferentes sentidos, como posse, instrumento, causa e outros não postulados pela GT.

Souza (2003), em *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*, investigando os aspectos da Sociolingüística laboviana conciliando-os com os pressupostos do funcionalismo, descreveu o comportamento dessa forma no português falado na cidade de Salvador – BA, tendo como *corpus* dados do NURC – SSA – Projeto Norma Urbana Culta – e PEPP – Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador. A autora observou que os fatores extralingüísticos, como faixa etária, gênero, grau de escolaridade e os fatores lingüísticos, considerando a tipologia textual, o encaixamento de orações, tipos de frases, referenciação, foricidade, valores semântico-discursivo-pragmáticos influenciam na multifuncionalidade do *onde* na fala soteropolitana. Considerando os papéis do *onde*, além de sua função canônica – adjunto adverbial de lugar, Souza elencou mais três macrofunções desse item: tempo, noção e posse presentes na fala dos informantes soteropolitanos independentemente de seu nível de escolaridade, gênero e faixa etária. Ainda nessa pesquisa, a autora levou em conta aspectos diacrônicos os quais comprovaram que muitas funções do *onde* no português atual são reflexos de usos já existentes na história da língua.

Um dado que oportuniza outras investigações é o fato de que todos esses trabalhos comprovaram o retorno do *onde* a funções que já existiram como também um processo de criação e renovação da língua. Inferimos, portanto, que o caráter plurissignificativo que o *onde* apresenta

é um fenômeno que reflete uma possibilidade de uso mais geral e, possivelmente, não caracteriza um fenômeno que ocorre em uma comunidade de fala específica.

No quadro 3, faremos uma sinopse das funções do *onde* no PB de algumas cidades brasileiras, segundo os trabalhos analisados.

Quadro 3: Síntese do comportamento do *onde* em algumas cidades brasileiras

TÍTULO DA PESQUISA / AUTOR (A) / ANO	CIDADE	FUNÇÕES DO <i>ONDE</i>
Onde observado na modalidade escrita de um dialeto brasileiro – (ANDRADE, 1988)	Salvador – BA	oposição, inclusão explicação, tempo negação, lugar causa, conformidade. relação, instrumento
A palavra <i>ONDE</i> no Português brasileiro – (KERSCH, 1996)	Porto Alegre – RS	posse lugar concreto. lugar abstrato conclusão, tempo.
A trajetória de gramaticalização do <i>onde</i> : uma abordagem funcionalista – (OLIVEIRA, 1997)	Natal – RN	lugar, conclusão lugar abstrato tempo, causa. marcador discursivo
Os caminhos do ‘onde’: uma contribuição da semântica ao ensino da língua materna – (Pires de Oliveira, 1998)	Florianópolis – SC	lugar, tempo lugar abstrato
O uso inadequado de <i>onde</i> e <i>mas</i> em textos de alunos – (Sartori, 1998)	Caxias do Sul – RS	lugar, oposição causa, conclusão
A Referenciação anafórica do <i>ONDE</i> em textos jornalísticos – Maciel, 2004)	João Pessoa – PB	lugar, espaço lugar abstrato tempo, situação
A Discursividade do <i>ONDE</i> em textos escritos de alunos e acadêmicos – (Bomfim, 2005)	Campo Grande – MS	tempo, lugar, causa lugar abstrato
Uma análise funcional do <i>ONDE</i> no Português Contemporâneo: da sintaxe ao discurso (Coelho, 2001)	Pato de Minas Belo Horizonte (MG)	posse, instrumento causa, conclusão tempo, lugar
A multifuncionalidade do <i>ONDE</i> na fala de Salvador (Souza, 2003)	Salvador – BA	tempo, posse, noção, lugar

3. O ONDE NOS DICIONÁRIOS E NAS GRAMÁTICAS

3.1 Que dizem os dicionários

Embora a nossa pesquisa não seja de cunho lexical, mas, consultando os dicionários, observamos que o *onde* apresenta diversas funções. Por isso, optamos pela verificação dessas funções em dicionários etimológicos e gerais da língua. Descrevemos, assim, sua etimologia e seus sentidos nas diferentes épocas.

Em se tratando da etimologia do *onde*, consultamos a obra de Lindsay (1937) Silveira Bueno (1974) e Geraldo da Cunha (1982). O dicionário de Houaiss (2004), embora não seja etimológico especificamente, trata também da origem do *onde*. Conforme já abordamos, o advérbio *onde* tem sua origem no indo-europeu, a partir da forma *quonde*. Considerando as transformações por que passou, chegou ao latim apenas a forma *u*. Com a coalescência aos sufixos arcaicos *-bi* e *-nde*, resultou em duas formas *ubi/unde* (cf. LINDSAY, 1937).

Acerca da origem do *onde* em português, os dicionários apresentam divergências. Uns consideram dois itens: *ubi/unde*; outros advogam a existência de apenas uma *unde*. Silveira Bueno (1974), Geraldo da Cunha (1982) e Houaiss (2004), consideram a mesma origem do *onde* – *unde* com o sentido de *em que lugar*. Nos dicionários gerais da língua, registramos uma pluralidade de funções para o *onde*, além de espaço físico. Por isso, julgamos procedente citar e comentá-los.

Morais (s/d) p. (1663) elucida os usos dessa forma como advérbio *de lugar, em que lugar, no lugar em que* e também como advérbio interrogativo que faz as perguntas: *onde – em que parte, em que lugar*. No aspecto temporal, forma uma perífrase: *onde a onde* com o sentido de *quando em quando, de vez em quando*. Precedido de preposição *por* indica possibilidade, *motivo, posse*. Moraes considera que *onde* é mesmo que *aonde*. Como os demais dicionários também registram *tempo* e *lugar* como funções para o advérbio *onde*, preocupamo-nos apenas com as que divergiam entre os autores.

Freire (1954, p. 3692) inclui o sentido de *ressalva, aliás*, ao advérbio *onde*. Caldas Aulete (1958, p. 3569), para esse item, registra o sentido de *aliás, enquanto e por ventura – onde quer que*. Para Amaral (1943, p. 68) as formas *onde, aonde* e *donde* têm o mesmo sentido,

argumenta ainda que os clássicos usam estes advérbios indistintivamente. Segundo o autor, no que se refere ao uso dessas formas, os melhores escritores fazem confusão. Por isso, atualmente estabelece-se a distinção: movimento (*aonde*), repouso (*onde*) e proveniência (*donde*).

Baseando-nos em Houaiss (2004, p. 2064), resumimos as funções semântico-pragmáticas do *onde*:

- (a) O aspecto estático do advérbio levou o *onde* a ser empregado regido de preposição: *por onde*, *aonde*, *de onde*. Trata-se, portanto, do único advérbio *onde*. A mudança de sentido ocorre devido ao aspecto semântico dos conectivos *por*, *a*, *de*, chamadas de preposição de estado e movimento;
- (b) Substitui uma circunstância locativa, considerando seu valor de advérbio relativo e pode ser substituído por *lá*;
- (c) Estabelece relação de subordinação entre duas proposições: quando encabeça as orações relativas. Sendo um anafórico;
- (d) Introduce orações completivas, funcionando como um advérbio coesivo, mas não é fórico;
- (e) No discurso, *onde* exerce a função anafórica, podendo também haver a função catafórica. Esses empregos, no enunciado, carregam em si a função locativa, localizando algo no espaço textual ou discursivo. Nomeamos essa função de *localizador discursivo*.

Borba (2002, p. 1121) insere o *onde* na classe dos pronomes relativos e advérbios interrogativos. Entre os aspectos locativo e temporal, atribui outros sentidos a *onde*:

- a. Lugar ou ponto em que;
- b. O mesmo que *aonde* no uso coloquial;
- c. Que/ qual;
- d. Caráter excepcional de uma situação: Exemplo do autor: *Onde já se viu?*
- e. *Onde quer que* (concessivo).

Ferreira (1986, p. 136), além das funções de *onde/aonde* já citadas, defende o uso desse item com o valor interjetivo, em consonância ao argumento de Borba (2002), indicando

“descrença ou dúvida ante uma afirmação, como em: Morreu agora mesmo – *Aonde!*” (exemplo do autor).

Verificando os diferentes papéis assumidos pelo *onde*, constatamos que, nos contextos diversos e em qualquer modalidade linguística, esse item assume um caráter plurifuncional. A partir daí, seus usos são definidos.

O quadro abaixo sintetiza as funções do *onde* presentes nos dicionários citados.

Quadro 4 – Descrição do comportamento do *onde* nos dicionários

FORMAS	FUNÇÃO
Onde /aonde	lugar tempo ressalva repouso movimento posse concomitância dúvida localizador discursivo variante de <i>lá</i> variante de <i>que</i> exclamação concessão

Na subseção seguinte, descrevemos as funções do *onde* em alguns compêndios gramaticais, considerando também as divergências e convergências acerca do comportamento morfossintático desse item entre.

3.2. Que dizem as gramáticas

O *onde* nas gramáticas flutua em duas categorias a de pronome e advérbio, havendo ainda as subcategorias. Na classe dos advérbios: essa forma funciona como um advérbio de lugar ou um advérbio coesivo e ainda um advérbio interrogativo; na dos pronomes, como relativo e indefinido. Selecionamos algumas gramáticas anteriores e posteriores à Nomenclatura Brasileira Gramatical (NGB) apenas por questões didáticas. Embora esta pesquisa não seja histórico-comparativa, obtivemos uma visão do comportamento desse item à luz de gramáticos em

diferentes períodos. A flutuação do *onde* nessas duas classes mostra um processo que se desencadeou há muito tempo na língua. Por isso, não podemos inserir um determinado item em categorias, como se essas fossem estanques com fronteiras rígidas e bem delimitadas em um sistema estável que é a língua.

Evidentemente, nem todos os gramáticos concordam com a categorização do *onde*. Por isso, descrevemos o ponto de vista deles, fazendo alguns comentários dos papéis desse item postulados pela tradição gramatical.

Para Soares Barbosa³(*apud.* RANAURO, 2004), *onde* é um advérbio de *lugar* com o sentido de *em que*, apresenta a elipse da preposição de 1ª classe – preposição de estado ou existência, podendo ainda se juntar com as preposições de 2ª classe – preposição de ação e movimento: de (de onde), por (por onde) a (aonde) para (para onde). Esse gramático elucida os demonstrativos conjuntivos que unem orações. Partindo dessa definição, podemos considerar o *onde* como um pronome relativo. Soares Barbosa não incluiu *onde* no rol dos demonstrativos conjuntivos, mas lhe atribui o aspecto locativo, dizendo que:

O complemento indicado pelo advérbio *onde* é composto da idéia geral de lugar e da sua determinação particular (idéia individual), “feita pelo demonstrativo conjuntivo *qual, que*”, “de sorte que essa pequena palavra, analisada, e resolvida em seus elementos, dá esta frase: *em o qual logar, ou em que logar?*” (sic) (*apud.* Ranauro, p. 108).

João de Barros ([1540]⁴ *apud.* Machado, 1957) classifica *onde* como um *advérbio local*. No que alude ao relativo, este gramático cita a função que é “fazer lembrança a algum nome que ficou atrás”. É o termo denominado de antecedente. Embora faça esse comentário, João de Barros considera como relativos apenas *tal, qual, o qual* e *que*.

Said Ali ([1923] 1971, p. 185) considera o *onde* como um advérbio de lugar, mas afirma que, desde as fases remotas da língua portuguesa, *hu* e *onde* já exerciam as funções de um

³ Citamos nessa ordem porque Ranauro (2004), ao analisar a Gramática Filosófica de Soares Barbosa, reportou-se à primeira edição.

⁴ Embora o ano da publicação seja 1957, Machado faz referências à edição original.

pronome relativo. Respalhando-se em Sweet, Said Ali (1971, p. 110) classifica tal item como um relativo condensado, porque o próprio relativo desempenha também a função do termo antecedente.

Pereira (1926, p. 173) classifica esse item como um advérbio em duas subclasses: simples e conjuntivo. Este exerce a função de conectivo, ligando orações, e aquele um advérbio de lugar. Para este gramático, o *onde* é advérbio de lugar e advérbio relativo que apresenta o antecedente expresso ou latente.

Maximino Maciel (1931, p. 134) define o *onde* como um conector indefinido sem antecedente e como um relativo que une duas proposições, sempre se referindo a um nome com antecedente expresso. José Oiticica (1940, p. 47) inclui *onde* na categoria dos advérbios e dos pronomes indefinidos de 3º grupo. Para o autor, são os pronomes adverbiais de lugar: *onde* (em que lugar), *algures* (algum lugar), *nenhures* (nenhum lugar) e *alhures* (em outro lugar). Cândido de Figueiredo (1948, p. 160) não classifica o *onde* como um relativo, considera como relativo apenas *que*, *quem*, *qual* e *cujos*. Para Cândido de Oliveira (1960, p. 240), o *onde* é um relativo substituto de *qual*, mas nada argumenta sobre essa afirmação.

Mattoso Câmara (1975, p. 117) cita três tipos de advérbios: dois de natureza pronominal – tempo e lugar e um de natureza nominal: modo. Os locativos são de natureza pronominal, uma vez que situam o falante no tempo e espaço da enunciação. Os advérbios locativos se relacionam semanticamente e morficamente aos pronomes demonstrativos. Funcionam anaforicamente, além do emprego dêitico, retomam uma circunstância mencionada anteriormente, seja temporal ou espacial. O referido gramático não enquadra o *onde* no rol dos pronomes relativos, e sim na classe dos advérbios locativos. Mattoso (1975), define o pronome relativo como uma conjunção subordinativa de tipo especial: atua na inserção de uma oração dentro de outra, representando anaforicamente a palavra com que a oração se relaciona. Ainda para Mattoso, o *onde* é uma conjunção pronominal ou pronome conjuncional, não insere o *onde* no rol dos relativos, e sim no dos advérbios locativos. (cf. MATTOSO, 1975, p. 122).

Melo (1978) distribui o *onde* em duas categorias: advérbio interrogativo que funciona nas interrogativas diretas e pronome relativo equivalente a *em que*. Por ser um relativo, argumenta o autor: é “um misto de pronome e conectivo o que lhe dá uma fisionomia própria e

singular” (MELO, 1978, p. 79). Cunha e Cintra (1985, p. 532) atribuem outra categoria ao *onde*, além de pronome relativo: advérbio-relativo.

Luft (1987, p. 122) propõe uma subdivisão para os relativos: (i) substantivos: que, quem, (ii) adjetivos: cujo, o qual – quando seguem o nome, (iii) adverbiais: *onde* – se precedido de palavras que denotem *lugar*. Em relação ao *onde* na classe adverbial, Luft insere-o na subclasse dos advérbios pronominais relativos não interrogativos e pronome adverbial interrogativo, usado nas interrogações diretas e indiretas. No que se refere ao termo antecedente, esse gramático argumenta que *onde*, exercendo o papel de advérbio, não tem antecedente. Almeida (1994, p. 317) classifica o *onde* como um advérbio relativo com antecedente latente ou expresso.

Para Rocha Lima (1994, p. 333), *onde* é um pronome-advérbio com valor locativo e também um interrogativo adverbial, usado nas sentenças interrogativas. Cegalla (2005, p. 260) distribui o *onde* nas seguintes classes: advérbio de lugar, advérbio interrogativo, e pronome relativo sempre com o antecedente expresso.

Bechara (2000, p. 293) classifica os advérbios em duas classes: advérbios nominais e pronominais. Recebem essa denominação, porque podem ser desdobrados em substantivos com pronomes. Ex. *aqui* – neste lugar, *nunca* – em tempo algum, *como* – de que modo e subdividem-se em demonstrativos (*aqui*, *agora*, *aí*), relativos (*onde* como, *quanto*), e interrogativos (*onde*, *quando*, *como*). O *onde*, nessa subdivisão, atua como relativo e interrogativo. Enquanto advérbio relativo, pode ou não apresentar antecedente e como advérbio interrogativo, introduz orações interrogativas. O tratamento dado ao *onde* por parte dos gramáticos é bastante complexo. Não há uma uniformidade na análise da categoria gramatical. No entanto, existem, como vimos, alguns pontos convergentes, outros divergentes entre os gramáticos citados.

Os autores, cujas obras foram analisadas, a exemplo de Pereira (1926), Mattoso Câmara (1975), Almeida (1994), Rocha Lima (1994), classificam o *onde* como um advérbio, excluindo-o do rol dos pronomes. Os demais inserem tal item numa categoria dupla: pronome e advérbio, tendo em vista esse item apresentar uma dupla função: desempenha papel de um relativo e também atua como advérbio coesivo.

Outro ponto a ser questionado na flutuação do *onde* nas classes gramaticais é a semelhança entre advérbio e pronome, como nos mostra Batoréo (2000, p. 422) na divisão dos

advérbios em interrogativo, demonstrativos, relativos e indefinidos, mesma classificação adotada pela GT para os pronomes e cujas funções semântico-sintáticas são idênticas à dos advérbios. Reiteramos, assim, a concepção de que os papéis atribuídos aos itens pela GT são opacos. Por isso, refutamos a categorização rígida e delimitada para os itens linguísticos. No que se refere ao comportamento do *onde*, segundo o ponto de vista dos gramáticos aqui arrolados, percebemos que esse item se aproxima dos pronomes pelo seu papel pronominal, retomando e substituindo algo, do advérbio, por expressar uma circunstância e ainda das conjunções pela sua função fórica no texto.

Em meio à disparidade de opiniões referentes às funções do *onde* prescritas pela GT, há um ponto de interseção perceptível entre os autores citados nessa pesquisa: não importa a classificação em advérbio ou pronome, um aspecto recorrente nos usos é o sentido espacial expresso por esse item.

Considerando esse caráter híbrido apresentado pelo *onde*, conforme já abordamos, essa plurifuncionalidade desse item confirma a hipótese de que os diferentes usos ocorrem nos diversos contextos interativos. Por isso, deduzimos que, do ponto de vista sintático, o *onde* está exercendo outros papéis diferentes dos de pronome e advérbio. Semanticamente, esse item expandirá suas funções, passando por um processo de abstratização de seu sentido espacial, conforme abordaremos adiante. Resumimos no quadro a seguir as funções do *onde* definidas pela GT.

Quadro 5 – Funções do *onde* nos compêndios gramaticais

FORMA	CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÕES
onde/aonde	advérbio de lugar	adjunto adverbial de lugar
	advérbio interrogativo	adjunto adverbial de lugar
	advérbio conjuntivo	conector
	advérbio relativo	adjunto adverbial de lugar
	advérbio conjuncional	conector
	pronome relativo	adjunto adverbial de lugar
	pronome relativo indefinido	adjunto adverbial de lugar
	pronome indefinido	adjunto adverbial de lugar
	Pronome adverbial	conector

Falar em função implica falar no funcionalismo que considera a relação existente entre as estruturas gramaticais e seus usos nos diferentes contextos discursivos. No capítulo seguinte, focalizaremos as bases teórico-metodológicas do funcionalismo que fundamentaram esta pesquisa.

4. A LINGÜÍSTICA FUNCIONAL

4.1 Um breve histórico

A partir de 1928, com a realização do Primeiro Congresso Internacional de Linguística em Haia e com a inserção de estudiosos da linguagem no Círculo Linguístico de Praga (doravante CLP), os estudos da linguística estrutural evoluíram, baseando-se na descrição da língua, considerando-a essencialmente uma entidade autônoma de dependência interna, seja numa palavra, seja numa estrutura. Embora seja visto como um oponente ao estruturalismo, o funcionalismo surge como um movimento dentro do estruturalismo. Bühler, em contato com o CLP, adota uma concepção diferente aos estudos da linguística estrutural. Para ele, a função é um elemento fundamental à linguagem. Até então, os estudos lingüísticos estavam ancorados nas dicotomias saussurianas, desconsiderando as mudanças que a estrutura gramatical poderia sofrer por influência dos aspectos pragmáticos, discursivos e cognitivos.

O funcionalismo se caracterizou pela concepção de que o aspecto fonológico, gramatical ou semântico de uma estrutura é condicionado pela atuação na comunidade em que é usada. Sendo assim, o funcionalismo se opõe ao estruturalismo na visão de língua como instrumento de comunicação. Para os funcionalistas, a língua é uma estrutura maleável, sujeita a pressões advindas das diferentes situações comunicativas que determinam a sua estrutura gramatical. Dessa forma, uma determinada estrutura linguística não pode ser analisada sem referência à sua função comunicativa. Os usos são explicados com base no contexto linguístico e na situação extralingüística. Assim, “as estruturas linguísticas estão correlacionadas às circunstâncias discursivas nas quais são geradas, entrelaçando aspectos culturais, e cognitivos na produção e na veiculação de informações”. (SILVA e CRHISTIANO, 2004, p. 212).

A língua, atendendo ao papel comunicativo, apresenta estruturas que exercem diversas funções que se adaptam ao contexto discursivo. Tomemos, como exemplo, as diversas funções que o item *pronto* apresenta na fala pessoense: conclusivo, pontuante, conclusivo perifrástico, concordância, imposição e explicação (cf. HORA e CHRISTIANO, 2004) constituem um exemplo típico da língua como um sistema adaptável a situações comunicativas.

Embora o funcionalismo tenha uma ligação com os estudos de Praga, o CLP não é a única escola que representa essa corrente. Outras escolas, com diferentes concepções, difundiram o funcionalismo, a exemplo da escola de Londres, com Halliday e First, da Holanda, representada por Reichig e Dick, da escola de Genebra, com Bally e Tesnière. É importante ressaltar também a influência da teoria de Baktin que analisa a relação entre linguagem e contexto. Na escola funcionalista norte-americana, destacam-se os trabalhos de Bolinger, de Sankoff, Hopper, Givón, Thompson e outros.

O funcionalismo, com suas diferentes vertentes, representa análises de fenômenos particulares da língua. Por isso, retomamos Elizabeth Bates (*apud*. NEVES, 2000, p. 55), comparando o funcionalismo com o protestantismo, disse: “é um grupo de ceitas em conflito, que concordam somente na rejeição da autoridade do Papa”, consideramos o funcionalismo como várias análises e descrições linguísticas, cujas idéias apresentam um ponto convergente: o uso da língua.

Para a linguística funcional norte-americana, uma estrutura linguística não pode analisada sem levar em conta a sua função comunicativa. Concordando essa concepção, esta pesquisa se enquadra nos princípios do funcionalismo norte-americano. Assim, apresentaremos alguns aspectos teórico-metodológicos que fundamentam essa corrente.

4.2 O funcionalismo norte-americano

O estruturalismo norte-americano proliferou suas idéias através dos estudos de Bloomfield e se mantém até hoje com o gerativismo. Houve, entretanto, uma certa inclinação para o funcionalismo, a exemplo da linguística cognitiva, da semântica gerativa e da gramática dos casos, porque questionavam algumas propostas formalistas numa perspectiva semântico-funcionalista. Temos a contribuição do trabalho de Boas e também, a visão da etnolinguística de Sapir e Whorf. Merecem ser focalizados os trabalhos de Bolinger, Kuno, Himes e Labor, Langacker e Lakoff. No que se refere à linguística cognitiva, esses trabalhos são considerados como uma entrada para o pólo funcional. A linguística cognitiva se notabilizou pela adoção de alguns pressupostos contrários ao grupo formalista, a exemplo do fato de as estruturas assumirem

significado contextual. Os conceitos de determinadas estruturas decorrem de padrões culturalmente criados de acordo com a comunidade de falantes, por exemplo, o uso do item *onde*, com valor interjetivo no português brasileiro (BORBA, 2002, p. 1121) e algumas transferências metafóricas dando origem a um significado pragmático, por exemplo, as metáforas criadas a partir de partes do corpo humano. São metáforas corporais baseadas nas atividades mentais e intelectuais que o homem desenvolve no seu cotidiano. Citamos como ilustração para esse argumento a metáfora *cabeça da turma*, ou seja, o guia o que comanda a turma. Por a cabeça ser o órgão que guia os nossos desejos, depósito de nossas ações mentais.

Apesar da oposição entre o funcionalismo e o estruturalismo, não podemos perder de vista que aquele surge como um movimento particular dentro este. (cf. FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 163).

A década de 1970 marca a eclosão dos estudos funcionalistas nos Estados Unidos. O termo funcionalismo rotulou as pesquisas de linguistas, como Thompson, Hooper, Givón e outros, cujos trabalhos tinham como ponto de partida a língua em uso. Os estudos funcionalistas representam uma tentativa de explicar a forma da língua através do uso que se faz dela. Portanto, é dos usos a que as estruturas lingüísticas se prestam na situação comunicativa que devem partir as explicações.

Para compreender o fenômeno sintático, levando em conta uma língua maleável e flexível, é necessário analisar o uso da língua em contextos pragmáticos distintos. A partir desses contextos, a gramática se constitui. Assim, temos uma sintaxe em constante mutação, porque o discurso também muda. Por essa razão, “formas e funções estão sempre em mobilidade, havendo não raro mais de uma forma para cada função e mais de uma função para cada forma” (TAVARES, 2004, p. 165).

Dois textos são considerados as bases dos estudos funcionalistas norte-americanos:

1. *The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives* (1976) – (As origens da Sintaxe no Discurso: um estudo de caso das relativas no Tok Pisin). Neste texto, Gillian Sankoff e Penelope Brown mostram as motivações discursivas geradoras

das estruturas sintáticas de relativização do tok pisin – língua de origem *pidgin*⁵ de Papua-Nova Guiné. Neste trabalho, é formulada a primeira hipótese da nova tendência analítica, com a afirmação de que *a sintaxe provém do discurso*.

- II. *From discourse to syntax: grammr as a processing strategy* (1979) – (Do Discurso para a Sintaxe: Gramática como um processamento de estratégias). Talmy Givón, opondo-se aos pressupostos gerativistas, diz que a sintaxe existe para exercer determinadas funções, e essas funções determinam sua maneira de ser. Por isso, o uso determina o papel das estruturas linguísticas.

Por os itens ou estruturas estarem em mutação no discurso, a gramática de uma língua está sempre se fazendo e renovando-se, haja vista os diferentes contextos a que se molda.

4.3 A gramática no funcionalismo

No funcionalismo, a gramática de uma língua apresenta um caráter dinâmico. Novas estruturas morfossintáticas estão surgindo, umas se tornam arcaicas, outras são tidas como padrão a ser seguido e algumas em competição com as já existentes. Isso prova que a gramática de uma língua se constrói no dia-a-dia, refutando, assim, a tese de uma gramática concluída. O surgimento de novas estruturas é motivado por fatores de natureza comunicativa e cognitiva, porque o falante, ao produzir seu discurso, opera o conhecimento lingüístico, adequando-o à situação discursiva. Defendemos, portanto, a concepção de uma gramática emergente (HOPPER, 1987) e uma sintaxe advinda do discurso (GIVÓN, 1995).

Os usos do *onde* no fala de Natal (RN), coletados por Oliveira (1997) mostram uma gramática que surge das necessidades discursivas do falante e uma sintaxe a serviço do discurso. À guisa de ilustração, comentamos dois casos:

⁵ O *pidgin* é uma língua reduzida e aprendida sem gramatização. Por exemplo, Em duas comunidades, cujos falantes, por necessidades sociocomunicativas, econômicas e culturais, aproximam os traços de cada língua, resultando em *pidgin* ou língua de contato, como os *pidgins* baseados no inglês, francês, espanhol e português, nas Índias Ocidentais e Orientais. Quando passam a ser adotados como língua materna uma comunidade, os *pidgins* tornam-se crioulos (cf. CRYSTAL, 1995).

(i) é ... vou:: tem uma experiência que marcou a minha vida... foi no mesmo de fevereiro... no feriadão do carnaval **onde** a gente dez um retiro para... pra uma paria de Coqueiros. fica depois de Touros (D&G)

(ii). .. em que a justiça é falha...**onde** ela bota muita vez na cadeia as pessoas que são inocentes (D&G)

Observando essas ocorrências, percebemos que o *onde* não está exercendo suas funções como quer a GT. Em (i), atuando como um advérbio de tempo, refere-se ao feriadão de carnaval, considerado pelo informante como um espaço de tempo, exerce o papel de um adjunto adverbial que permite a permuta pelo conectivo temporal *quando*. Em (ii), o *onde* é usado como um operador argumentativo⁶, tua na articulação de argumentos, expressando uma relação de causa ou explicação, que pode ser substituído pelo conectivo causal *porque*. Na mente do falante, por a justiça ser falha, prende pessoas inocentes.

Essas ocorrências do *onde* mostram a gramática como um processo de construção de enunciados, um conjunto de convenções, resultado das pressões de naturezas diversas das quais sobressaem os usos. Por isso, retomamos Silva e Christiano (2004, p. 212), considerando também a gramática como “algo flexível em decorrência de aspectos discursivos e pragmáticos que a ela dizem respeito, devido sua indissociabilidade em relação à língua em uso”.

Seguindo essa mesma linha de argumentação, apoiamo-nos em Martins (2004, p. 162), defendendo que a gramática é sensível ao uso. Como não tem existência autônoma, existe apenas no uso. O que não é dito, repetido e experienciado não faz parte dela.

Dessa forma, adotamos a concepção de uma gramática cognitivo-funcional, que concebe a linguagem com reflexo de um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas. As estruturas linguísticas são conseqüências de processos gerais do pensamento que os indivíduos elaboram na criação de significados em contextos interacionais.

As estruturas linguísticas mudam constantemente. Sempre estando, nunca sendo. Estão no discurso, de onde emergem. Dessa forma, a gramática surge de acordo com as necessidades discursivas do falante. Na Gramática Funcional (doravante GF), os aspectos formais, semânticos e pragmáticos constituem níveis independentes porque representam as

⁶ Para operador argumentativo, definimos nesta pesquisa a definição proposta por Martelotta (1996, p. 194), um elemento que, além de desempenhar função basicamente gramatical, dá orientação argumentativa ao discurso, a exemplo dos itens conjuncionais.

diferentes faces de um mesmo objeto, a língua, porém são interligados com o cognitivo, nos usos não se separam. Alguns lingüistas, como Martelotta (2008), preferem usar o termo gramático cognitivo-funcional. Adotamos nesta pesquisa a nomenclatura *funcional*. Alguns pontos da GF:

- Estuda a língua em uso, em situações concretas. Por isso, surge no discurso, levando em conta as necessidades discursivas do falante;
- Representa uma interação entre discurso e gramática;
- Focaliza as diversas funções da linguagem;
- Além da frase, considera o discurso como ponto de partida para a gramática;
- Apresenta os fundamentos para que ocorra a mudança linguística.

Dessa forma, a GF é uma gramática em processo flexível e adaptável, resultado de pressões de naturezas distintas em que se sobressaem as pressões da língua em funcionamento, isto é, em uso. Isso se dá graças aos princípios da linguística funcional, tais como da marcação, iconicidade, gramaticalização informatividade e transitividade (cf. FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 165).

Sem desconsiderar os outros princípios funcionalistas, para esta pesquisa, interessam dois princípios: o da gramaticalização e da iconicidade por serem imprescindíveis na mudança linguística.

4.4 A Gramaticalização

Os estudos acerca da gramaticalização surgiram na China no século X, difundindo-se a partir do século XVII com os estudos de Condillac e Rosseau – na França e Tooke – na Inglaterra. No século XVIII, na Alemanha, destacam-se os trabalhos de Bopp, Humboldt, Gabelentz, Schlegel, e nos Estados Unidos, Whitney. No século XX, na França, Meillet foi o primeiro a usar o termo gramaticalização. Percebendo uma gradualidade entre as palavras, este estudioso classificou-as em *principais*, incluindo nessas, os nomes, adjetivos, verbos e os complementos circunstanciais, e nas *acessórias e gramaticais*, inseriu as preposições, conjunções

e auxiliares (cf. GONÇALVES et al. 2007, p. 21). A partir daí, surgem vários linguistas, cujos estudos apresentam diferentes aspectos da gramaticalização. Na Alemanha, destacam-se Lehmann, Heine Claudi, Hünemeyer; na Costa Oeste Americana, Givón, Hopper, Thompson, Bybee, Pagliuca e outros. Embora existam divergências acerca da gramaticalização entre esses linguistas, há dois pontos convergentes:

- Existiam os itens lexicais, as palavras plenas, classes abertas, palavras concretas e palavras principais. Paralelas a essas, havia também as palavras gramaticais, as classes fechadas, palavras abstratas e palavras acessórias;
- As palavras acessórias derivavam-se das principais.

Os trabalhos de Horne dizem que a língua, a princípio, era concreta, e os itens abstratos provinham dos concretos. Reforça esse pensamento Humboldt, para quem, as línguas humanas apresentavam um processo evolutivo, em que se apresentavam somente as idéias concretas.

A gramaticalização, nos seus primórdios, preocupava-se com a origem e a evolução dos itens linguísticos, apresentando um caráter essencialmente diacrônico. Outros caminhos, a gramaticalização seguiu, como podemos ver os estudos de Lehmann, Hopper e Traugott. Lehmann (1985) concorda com a definição clássica de Kurilowicz, concebendo a gramaticalização como um processo que pode levar ao item a mudança de estatuto. Essa mudança não ocorre apenas do léxico para a gramática, mas também do menos gramatical para o mais gramatical. Hopper e Traugott (1993) admitem que uma forma gramatical apresenta um *cline*⁷ de mudança, no qual os elementos partem do léxico para a gramática, tornando-se mais gramatical, a exemplo do verbo pleno⁸, passando a auxiliar, pode chegar ao um afixo, conforme a trajetória do verbo *haver* na formação do tempo futuro:

Hei (pleno) > *Hei* de cantar (auxiliar) > *cantarei* (afixo)

⁷ O termo *cline* foi usado na linguística de Halliday para se referir a um contínuo. (cf. CRYSTAL, 1985).

⁸ O verbo pleno é o verbo nocional ou principal, aquele que conserva a sua significação plena, como define a GT, também chamado por alguns gramáticos de verbo significativo. Na perífrase, esse verbo passa da categoria de pleno a auxiliar. Ex. *O aluno vai à escola* (pleno) o aluno *vai falar* (auxiliar). Nesse caso, o verbo *ir* perde sua significação própria, passando a ter um valor gramatical, indicador de futuro. O mesmo processo ocorre em *Amanhã eu vou viajar*, ou seja, o verbo *ir* + infinitivo (viajar), equivalendo a *viajarei*.

A gramaticalização não se limita apenas à passagem dos itens do léxico à gramática, aos graus de gramaticalização ou ao aspecto histórico das formas lingüísticas, preocupa-se também com o comportamento que os itens assumem no discurso e também com o processo de gramaticalização de orações. Nesta pesquisa, analisamos o aspecto funcional do *onde* no discurso.

Entendendo a sintaxe como o conjunto das relações estruturais que se dão nos diferentes níveis de organização discursiva (cf. VOTRE, 1992, p.19), os funcionalistas partem do discurso para a sintaxe. Givón (1979) defende a gramaticalização como um processo cíclico: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica⁹ > zero. Em relação a esse processo, diz Votre (1992, p. 10):

Nesse esquema de ondas cíclicas sugerido por Givón podemos dizer que tudo nasce no discurso e morre na morfofonologia. Que tudo começa sem regularidade alguma de uso, exatamente por estar no seu começo, mas se regulariza com o uso, na repetição, que passa a exercer uma pressão tal que faz com que o que no começo era casuístico se fixa e se converte em norma.

Concordam com a concepção givoniana linguistas, como Genetti, Haimar, Herring, Hook, Hopper. Para esses funcionalistas, a gramaticalização é um fenômeno sintático-discursivo¹⁰ e pragmático a ser analisado a partir dos padrões fluidos da língua. Fundamentando-se nesta concepção, Castilho (2002) defende a gramaticalização como um processo multissistêmico, uma vez que a língua é conjunto de sistemas interligados, e, quando um item se gramaticaliza, não ocorre mudança em apenas um sistema da língua ou nível de análise, outros

⁹ Mudança morfofonêmica é o termo que se dá a alterações produzidas no corpo fônico de um item, com repercussão no sistema mórfico. Alterando um ou mais fonemas, conseqüentemente, haverá mudanças no morfema a que pertence esse fonema. Para esse processo, há também o termo morfofonologia, usado na tradição européia, enquanto que os linguistas americanos preferem morfofonêmica. Morfofonêmica ou morfofonologia consiste em analisar e classificar os fatores fonológicos que afetam os morfemas ou vice-versa, ou os fatores gramaticais que afetam os fonemas. (cf. CRYSTAL, 1985, p. 176). Para uma melhor compreensão desse fenômeno, sugerimos ver também as regras morfofonêmicas elencadas por Câmara Jr (1975, pp. 102-106).

¹⁰ Sintático-discursivo porque as formas atuam na construção do discurso e pragmático porque essa atuação é que propicia o uso.

sistemas são afetados. A trajetória do pronome de tratamento *Vossa Mercê*¹¹, no português, mostra o caráter multissistêmico da gramaticalização, uma vez que afetou os seguintes níveis: semântico: de pronome de reverência (SAID ALI, 1971), passou a um tratamento mais informal, popular; morfofonético; e a coalescência do dois termos *vossa* e *mercê*, sofreu redução fonética, chegando a *você* e em alguns casos a *ocê* e *cê*. Ainda no campo da morfologia, esse pronome de tratamento integrou o paradigma dos pronomes pessoais. Também com relação ao pronome *você*, nem sempre é usado com referência ao interlocutor do discurso, pode ser um agente indeterminador ou genérico da ação. Ainda com referência à forma, Viana Souza (2008) constatou que o item *você* apresenta o seguinte caminho: *Mercê* > *Vossa Mercê* > *Vosmicê* > *você* > *ocê* > *cê*.

O pronome *você* na trajetória de gramaticalização apresentou os seguintes parâmetros: (i) extensão – adquiriu uso em novos contextos; (ii) dessemantização – perda de conteúdo semântico original, mas em contrapartida, adquiriu outras propriedades semântico-pragmáticas; (iii) erosão – houve perda de segmento fonético, incluindo sílabas inteiras e (iv) decategorização com a mudança de categoria gramatical.

Semelhante ao item *você*, o *onde* apresenta uma flutuação em diversas categorias gramaticais conforme veremos adiante.

Uma forma inovadora passa a integrar a gramática de uma língua, quando preenche três requisitos importantes: a primeira diz respeito ao propósito comunicativo, dizer algo, a segunda se refere à saliência cognitiva, terceira, à frequência de uso, que garante sua fixação no sistema da língua (cf. OLIVEIRA, 1997, p. 13). Resumimos esses requisitos no que Castilho (2001) chama de gatilhos da gramaticalização: o gatilho cognitivo (codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas) e o gatilho pragmático (o uso dessas formas). Para Traugott & Heine (1991), esses requisitos são fenômenos a que se ajustam os pontos de partida da gramaticalização.

¹¹ Conforme a pesquisa de Viana Souza (2008), o pronome *Você* vem da expressão *Vossa Mercê*, formada pelo pronome possessivo – *vossa*, junto ao item *Mercê*, que apresentava o sentido de graça, favor, merecimento. No português atual, apresenta uma extensão na suas funções, como: sentido genérico, pronome pessoal, indeterminador de sujeito e outros. Na sua trajetória, sofreu diversos processos, como a erosão fonética, mudança de categoria, de pronome de tratamento a pronome pessoal como também uma ampliação de suas funções semântico-pragmáticas.

A língua é uma atividade em tempo real. Não podemos considerar a gramática como um produto concluído, mas sim uma gramática como um processo contínuo. Por isso, entendemos a gramaticalização como um dos vários processos de mudança linguística e de renovação gramatical porque consiste no surgimento de novas formas para funções já existentes, como também novas funções para formas que já existem. Consideramos, como exemplo, as funções apresentadas pelo *onde* nas diferentes sincronias do português (ver quadro 2). Essas funções ou formas surgem e são negociadas dia a dia na fala. Por isso, a gramaticalização fundamenta a noção da gramática emergente por consistir no surgimento de novas formas e funções no sistema da língua e por se referir a uma gramática em processo de ebulição, como argumenta Alcântara (2007):

O fenômeno da gramaticalização indica a capacidade de revitalização da linguagem cotidiana de sua capacidade de fixar novas estruturas com função gramatical. Impõe escolha entre construções, entre elementos com maior ou menor regularidade de uso, a previsibilidade de ocorrências de fenômenos entre os falantes, a que todos tendem a recorrer quando se comunicam.

No funcionalismo, a gramaticalização tem seu lugar privilegiado, porque explica a relação entre o sistema gramatical e funcionamento discursivo (cf. NEVES: 2006 p. 20), havendo as motivações para o surgimento de novas formas e funções. Sendo assim, a gramaticalização é um fator de equilíbrio entre as forças (externas e internas) em competição ou regularização que permitem a existência da gramática.

4.4.1. Alguns fenômenos da gramaticalização

Na gramaticalização, podem ocorrer vários fenômenos que marcam a mudança linguística. Entre eles, destacamos:

- A passagem de um item linguístico do léxico à gramática, como ocorre com o substantivo *caso* que assume a função de um conector condicional;

- A mudança do item *mente* (substantivo que denota com o espírito de) para o sufixo adverbial;
- A mudança da perífrase adverbial *só que* atuando como o conector adversativo (*mas*);
- A mudança de um elemento linguístico de mais referencial a menos referencial. Exemplo o conectivo *embora*: *embora – em boa hora –* (algo que acontece no momento), com a erosão fonética, resultou em *embora*, exerce uma função argumentativa, integra uma oração concessiva (cf. MARTELOTTA, 1994);
- A migração do sentido do advérbio *onde* do mais concreto para o mais abstrato na fala do natalense (cf. OLIVEIRA, 1997);
- A trajetória de uma construção sintática em direção à gramática com tendência a cristalizar-se no discurso, como nos mostra Furtado da Cunha (1996), analisando a gramaticalização dos mecanismos de negação na fala de Natal – RN negativa canônica **não + SV**, negativa dupla **não+ SV+não** e a negativa final **SV + não**;
- A trajetória da gramaticalização dos itens repetidos no discurso, tendo em vista a intenção do falante, através da regularização e sistematização da repetição, a exemplo da análise da repetição na fala carioca, considerando os dados do Grupo D&G – seção – Rio de Janeiro, por Rios de Oliveira (1995).

Nesses casos e em outros, os itens ou estruturas passam por um processo de ampliação semântica. Preferimos usar o termo ampliação semântica ou abstratização a esvaziamento semântico, porque, na mudança, o item gramaticalizado não perde sentido. Ao contrário, aumenta suas propriedades semânticas, adquirindo outras no discurso.

Para De Muder (2001), a gramaticalização não oportuniza um enfraquecimento semântico, respaldando-se em Hopper e Traugott (1993, p. 88), argumenta esse enfraquecimento se aplica, sobretudo, às primeiras fases do processo. Havendo, portanto, uma redistribuição ou modificação de sentido. Por isso, dizemos que, se, por um lado, há perdas na gramaticalização de um item, por outro, há também ganhos em termos semântico-pragmáticos. Isso reforça a tese

defendida por Francis e Yusa (2007) de que, no processo gradual da gramaticalização, as mudanças semânticas ocorrem com mais rapidez e independência do que as sintáticas.

4.4.2 A Gramaticalização e a unidirecionalidade

A unidirecionalidade é o princípio fundamental na gramaticalização porque consiste em um *continuum* que diz respeito à linearidade que o processo da gramaticalização apresenta sempre da esquerda para a direita. Parte do pressuposto de que uma mudança ocorrida em uma direção específica não pode ser revertida. A um estágio A, deve-se seguir um estágio B, sem a possibilidade do percurso contrário. Por isso, os estudiosos do assunto adotam a máxima: uma vez gramaticalizado, torna-se mais gramatical, ou seja, o item gramaticalizado continua desenvolvendo novas funções no discurso, adequando-se às pressões e regularidades do uso da língua.

Conforme analisaremos mais adiante, o *onde* apresenta uma unidirecionalidade crescente, migrando do sentido mais concreto para o mais abstrato, conforme a escala de Traugott e Heine (1991):

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

Nessa trajetória, é importante observar que o *onde*, considerando os trabalhos de descrição lingüística que analisamos, apresenta uma ampliação nos usos. Sintaticamente, não deixa de exercer a sua função canônica, apresenta o sentido temporal e ainda encaixa orações, estabelecendo argumentos diversos. Tudo nos leva a crer que o *onde* está passando por um processo de gramaticalização, em que apresenta novas funções e sofre também por processos metafóricos, conforme veremos a seguir.

4.4.3 A gramaticalização e os processos metafóricos

A gramaticalização envolve os vários níveis da língua, como semântico, pragmático, sintático e cognitivo. Neste, a mudança ocorre através dos processos metafóricos. A metaforização, em geral, é a tendência de usar elementos do mundo concreto para o mundo

abstrato. O elemento do léxico, por se reportar ao mundo biossocial, é mais concreto que o universo gramatical. É mais fácil conceptualizar os substantivos do que as relações que ocorrem entre os itens linguísticos do discurso. O significado que o homem atribui às coisas é resultado de uma construção e apreensão de sentidos e conhecimentos, de um processo de natureza cognitivo-sócio-cultural.

As línguas apresentam um sistema semântico-cognitivo de base experiencial, e a metáfora atua como um processo central do funcionamento humano que, sem ser unicamente linguístico, defende a maneira de o homem conceber, pensar e atuar no mundo, a ponto de dirigir a vida e moldá-la, uma vez que o pensamento humano é, por natureza, metafórico. Neste contexto, o funcionalismo evidencia a relação que existe entre gramática e cognição, adotando o princípio de Werner e Kaplan (*apud* Gonçalves et al, 2007): a exploração de velhas formas para novas funções e conceitos concretos são usados para descrever fenômenos menos concretos.

Genetti, segundo Fragoso (2003), elenca três tendências que fundamentam a mudança semântica de itens ou expressões quando sofrem o fenômeno da gramaticalização, caracterizando a base metafórica desse processo:

- Os significados, baseados na situação externa, passam a significados na situação interna. Há uma transposição de domínio, do externo para o interno, aquilo que o falante vê, experiência, internaliza na sua consciência;
- Os significados baseados tanto na situação interna como na externa passam a significados na situação textual. Os itens passam a atuar na organização do discurso;
- Os significados baseados na subjetividade do falante. Os usos de determinados itens ou estruturas partem também do conhecimento de mundo do falante e de sua consciência.

O item, em processo de gramaticalização, apresenta um caráter gradual do fenômeno. Por isso, Hopper (1991) postulou cinco princípios que respondem à questão das estruturas mais ou menos gramaticalizadas.

4.4.4 A gramaticalização e os princípios de Hopper

Hopper (1991) estabeleceu cinco princípios que relacionam aspectos pancrônicos a processos semântico-discursivos inerentes à língua em uso. Esses princípios acentuam o caráter gradiente da gramaticalização, conferindo ao item em processo de gramaticalização o grau de mais ou menos gramatical, não observando, dessa forma, se o item pertence ou não à gramática. Os princípios de Hopper mostram casos de itens que, ao se gramaticalizarem, passaram do estatuto de menos gramatical para mais gramatical, por exemplo, a forma *logo* (do latim *locus*) – da função dêitica (advérbio locativo), passa a conectivo, assumindo a função de organização interna dos argumentos no discurso.

É importante ressaltar que não há implicação de ordem cronológica entre esses princípios. Apresentaremos, a seguir, os princípios, relacionando a cada um aspectos do fenômeno investigado. Para análise de alguns desses princípios, usamos os usos das formas *onde-aonde* e *donde* (com o mesmo sentido) que apresentaram variação e mudança nas sincronias do português:

- **Estratificação** – também chamada de camada (*layering*). No processo de gramaticalização, novas formas surgem no sistema linguístico, disputando com formas já existentes. Estas não desaparecem com o surgimento daquelas. Pode haver uma coexistência e interação entre as formas novas e antigas. No português clássico, o advérbio **locativo** com o sentido de *lugar em que* apresentava três formas *onde*, *aonde* e *donde*. Atualmente, *onde* e *aonde* são formas que coexistem com o sentido de lugar. A forma *donde* denota conclusão e lugar de origem.
- **Divergência** – quando o item se gramaticaliza, sua forma original pode permanecer como elemento autônomo ou sofrer as mudanças de qualquer outro item lexical. Por isso, é possível surgirem formas com funções diferentes. No português arcaico, a idéia de espaço físico era representada por três formas *u*, *onde*, *unde*. Todas provenientes do mesmo étimo latino- *ubi/unde*, mas apresentavam divergências nos usos: *u* – espaço físico, *onde* – espaços físico e temporal, *unde* procedência. No português contemporâneo, citamos o caso de *onde* (lugar em que) e *donde* (lugar de que) com sentidos distintos. A noção divergência pode ser confundida a de camada, pois, entre

elas, existe um ponto de interseção porque da divergência, resultam camadas (MARTELOTTA, 1994, p. 73).

- **Especialização** – o item pode apresentar a possibilidade de se tornar obrigatório pela falta de escolha. Com a gramaticalização, pode haver redução na variedade de formas, conseqüentemente, a escolha também será, isto é, um número menor de estruturas assume os sentidos mais gerais. Na consulta aos textos de diferentes períodos da língua portuguesa, encontramos várias formas para o *onde* – u, unde, hu, u, onde, aonde, donde. Todas com a mesma significação – *lugar em que*. No processo de mudança, reduziram-se a *onde/aonde*. A forma *donde* sobreviveu com o sentido de *conclusão ou lugar de onde*.
- **Persistência** – a forma gramaticalizada continua com vestígios de sua forma ou função prototípicas. Algumas particularidades de sua história podem aparecer nas restrições. O *onde* com o sentido locativo surgiu no latim, em todas as sincronias do português, manteve a sua função canônica, permanecendo até hoje, a exemplo do uso do advérbio *aonde* como interjeição que conserva a idéia de lugar, talvez um lugar imaginário ou desconhecido pelos interlocutores (*onde isso acontece?*) ou o caráter excepcional de uma situação (cf. BORBA, 2002, p. 1121 e FERREIRA, 1986, p.136).
- **Decategorização** – com a gramaticalização, os itens sofrem a perda de propriedades morfossintáticas da forma prototípica. Perdem as características de categorias plenas, verbos e nomes para adquirir propriedades gramaticais, como preposições e conjunções. Coelho (2001, p. 82), analisando o *onde*, registra esse item com a função de um operador argumentativo, expressando a relação de causa/explicação. Essa partícula foi adquirindo outras propriedades, distanciando-se, portanto, de seu sentido prototípico, incorporando as restrições típicas de um operador argumentativo, ligando argumento e estabelece relações sintático-semânticas, e não mais somente de um advérbio.

Concordando com Votre (1992, p. 114), dizemos que os cinco princípios de Hopper podem se reduzir apenas a dois: estratificação e divergência, uma vez que a coexistência de camadas supõe a persistência, e a divergência implica especialização. Se um item apresenta duas

ou mais formas com o mesmo sentido, a tendência é elas se especializarem. Essas formas são incluídas em categorias diferentes da original, por exemplo, no português clássico, havia as formas *donde* e *aonde* e *onde*, com o mesmo sentido lugar em que. Atualmente, o item *onde* se especializou em advérbio de procedência e também causa ou conclusão (cf. MARTINS e ZILBERKNOP, 2003, p. 516). Nesse percurso, há a decategorização como a mudança de categoria, isto, a perda de propriedades características da forma fonte e resultado final do processo.

Por isso, os princípios de Hopper são interdependentes. Quando há atuação de um determinado princípio, simultaneamente, pode ocorrer outro, conforme vimos, a persistência do sentido locativo e da função anafórica do *onde* permanece nos usos.

Vejam os o percurso da forma *onde*: apresentou várias formas: competiu com *aonde*, expandiu o sentido para tempo, conclusão, causa, posse. O item, em processo de gramaticalização, pode apresentar dois mecanismos importantes para qualquer mudança linguística, sobretudo, as mudanças morfossintáticas (HOPPER e TRAUGOTT, 1993): a reanálise e a analogia. Faremos alguns comentários acerca desses mecanismos no processo de gramaticalização.

4.4.5 A reanálise e a analogia na gramaticalização

A **reanálise**, atuando no eixo sintagmático, consiste na modificação de estruturas ou de classes de um item, sejam semânticas, sintáticas ou morfológicas. O item gramaticalizado integra-se à outra categoria. Na reanálise, não ocorre imediatamente mudança na superfície do item ou estrutura em processo de gramaticalização, porque está acontecendo um deslizamento semântico e as estruturas já existentes desenvolvem outras funções, pertencendo a uma categoria diferente da original. O item tende a migrar para uma nova classe, não surgindo uma nova forma, embora o item sofra alterações semânticas, como reflexos de novas interpretações e inferências. Por isso, uma nova categoria gramatical surgirá.

À proporção que as propriedades de um item vão se alterando, ele vai se tornando membro de uma nova categoria em razão de uma reanálise categorial. Isso permite inserir esse

item em categorias diversas. Para ilustrar um caso de reanálise, usamos o termo *mediante* (particípio presente do verbo *mediar*) que passa a integrar a classe dos conectivos que expressam uma relação de conformidade.

A **analogia**, operando no eixo paradigmático, promove transferência metafórica dentro do sistema linguístico da comunidade de fala. As formas já existentes passam a exercer, na língua, novas funções. A analogia evidencia tanto para o falante quanto para o pesquisador que uma mudança está em processo. Por força da analogia, o item pode passar por uma extensão metafórica. Com a analogia, os itens não mudam apenas de classe, mas também passam por uma abstratização, saindo de sua função prototípica, concreta para uma mais abstrata, a exemplo do item *atrás* (algo que fica na parte anterior, traseiro) que designa um ponto no espaço (*atrás* do balcão), passa também a expressar conceito temporal – há dias *atrás*. (exemplos nossos)

Para os neogramáticos, a analogia era uma força psíquica a que se recorria para fundamentar as explicações das leis fonéticas. (cf. HORA, 2004). A analogia é um fato importante para o desenvolvimento das línguas em todos os períodos e não apenas à época do declínio e corrupção, conforme os puristas defendem. Às vezes, um item em gramaticalização pode sofrer influência dos dois mecanismos, como também pode apresentar apenas um deles.

Esses princípios são importantes, mas não estamos colocando, diante deles, limites de obrigatoriedade, relação hierárquica e nem de precedência entre eles para que o processo de gramaticalização aconteça.

O falante, ao usar determinadas estruturas linguísticas, não o faz por meros artifícios arbitrários, mas sim usando mecanismos básicos que refletem o seu mundo social, a sua experiência de vida. Isso fundamenta o princípio da iconicidade, conforme veremos adiante.

4.5 O princípio da iconicidade

Com os estudos do funcionalismo, o princípio da iconicidade ganha novos caminhos. A língua deixa de ser observada apenas como estrutura e passa a ser analisada como o reflexo do comportamento de seus usuários em interação. Isso sugere que há uma motivação icônica para

cada contexto discursivo. Os itens apresentam o sentido que têm devido às suas funções que desempenham no discurso em que são usados. No funcionalismo, o termo iconicidade é usado com um sentido mais concreto. É o princípio que oportuniza fenômenos gramaticais a refletirem vários aspectos do mundo que nos rodeiam que os experienciamos. Por exemplo, como as estruturas coordenadas traduzem o mundo de maneira mais imediata que as subordinadas, são mais icônicas. Há contextos comunicativos em que a codificação morfossintática torna-se opaca, no que se refere à função. Isso ocorre porque a motivação icônica das estruturas, no plano diacrônico, apresenta transformações: (i) na **forma**, sofrem a erosão fonética; (ii) na **função**, através dos processos metafóricos, o item apresenta outros sentidos. O discurso possibilita o surgimento de novas funções.

4.5.1 A iconicidade e os seus subprincípios

A iconicidade não ocorre nos usos linguísticos aleatoriamente. Ela é influenciada por três subprincípios: da quantidade, da integração e da ordenação linear. Falaremos de cada um.

O **subprincípio da quantidade** – fundamenta-se nos seguintes postulados, segundo mostra Votre (1992):

- Quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida, maior será a quantidade de formas usadas na codificação;
- Quanto mais imprevisível, ou seja, mais nova for a informação, maior será a quantidade de formas a serem utilizadas;
- Quanto mais previsível, isto é, mais disponível, for a informação, menor será a quantidade de formas usadas;
- Quanto mais importante for a informação, maior a quantidade de formas exigida para codificá-la.

O **subprincípio da integração** – também chamado de subprincípio da proximidade. Advoga este subprincípio que os conteúdos mais próximos do ponto de vista cognitivo, estarão mais interligados no plano da codificação. Em contrapartida, os conceitos que estão menos integrados no plano de conteúdo, também o serão sintaticamente. Dessa forma: o que está

mentalmente próximo, também estará no plano sintático. Aplicamos, por exemplo, esse subprincípio à vinculação sintática das orações completivas e relativas restritivas que se dá em maior grau do que as circunstanciais (cf. NEVES, 2006).

O subprincípio da ordenação linear – postula que os itens se ordenam de forma linear no tempo e no espaço, podendo manifestar-se da seguinte forma:

- A informação mais importante tende a ser expressa em primeiro plano. Na fala, ocorre antes; na escrita, à direita);
- A informação mais previsível tende a ser colocada primeiro;
- A informação mais tópica é a primeira a ser expressa.

Aplicamos esse princípio em discursos narrativos, em que ocorre a seqüência lógica dos fatos, partículas temporais, locativas e a correlação verbal, havendo também o deslocamento termos, quando queremos topicalizá-lo.

Os subprincípios da iconicidade são interdependentes. Um influencia o outro. Assim, o uso de um determinado item linguístico, em uma relação icônica, pode apresentar mais de um subprincípio, a exemplo do da ordenação linear que apresenta os mesmos fatores cognitivos do subprincípio da integração. O exame a esses subprincípios nos mostra que a iconicidade tem uma base referencial ou cognitiva à proporção que os usos de um item linguístico é analisado.

A fala é o espaço adequado para o constante fluxo de renovação gramatical. As formas e funções que o falante constrói no dia-a-dia são ampliadas, reguladas e fixadas no discurso através da gramática, caracterizando a dinâmica da língua. No capítulo seguinte, descreveremos e analisaremos, fundamentando-nos na linguística funcional, os diferentes papéis que o *onde* exerce na comunidade de fala de João Pessoa.

5 O ONDE NO FALA PESSOENSE: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA

A fala é o espaço adequado para a criatividade lingüística. É, pois, nessa criatividade que os itens assumem diversos papéis, apresentando novos usos, podendo até afastar-se de seu sentido prototípico e mudar de categoria. Há também uma transferência de um domínio conceptual para outros, graças a duas forças que atuam nesse processo de extensão semântica: o cognitivo e o uso.

Tendo em vista que o *onde* apresenta diversos usos no falar pessoense, procederemos à análise e descrição dessa diversidade de funções a partir dos dados obtidos, percorrendo os pressupostos da lingüística funcional.

5.1 Caracterização dos informantes

Embora a nossa pesquisa não seja de cunho sociofuncionalista, os informantes foram agrupados de acordo com os princípios da sociolingüística laboviana. Portanto, consideramos a estratificação a proposta de Hora e Pedrosa (2001). No que tange à variável escolaridade, todos os informantes apresentam o mesmo perfil, uma vez que freqüentarem a escola por um período de 4 a 8 anos.

O quadro abaixo apresenta uma sùmula do perfil dos informantes da pesquisa.

Quadro 6 – Distribuição dos informantes segundo as variáveis sociais.

FAIXA ETÁRIA	grupo I: 15 a 25	grupo III: 26 a 49	grupo III: + 50 anos
Gênero masculino	2	2	2
Gênero feminino	2	2	2
Subtotal	4	4	4
Total =	12		

FONTE: Projeto de Variação Lingüística no Estado da Paraíba – 2001.

5.2 Descrição e análise dos dados

Na língua, formas e funções estão sempre em mobilidade. Uma forma pode apresentar mais de uma função e vice-versa. Esse fenômeno justifica a gramática como um processo variável que se adapta às necessidades comunicativas do falante e aos diversos contextos discursivos em que ocorre a criatividade lingüística. Assim, a gramática alimenta-se da rotinização e regularidades dessa inovação.

O *onde*, no *corpus*, apresenta funções que, através da gramática, regularizam-se e se manifestam no discurso. A gramática existe no discurso, e o discurso oportuniza as habilidades interativas e cognitivas. Daí a interrelação entre o discurso e a gramática, como já dissemos.

Entendemos a gramática como o sistema formado pelas regularidades advindas das pressões de uso, e o discurso como o uso da língua em situações reais de interação, permitindo a materialização das formas. Por isso, o discurso e gramática são duas faces de um mesmo objeto, a língua. Essas duas se intercomplementam, porque o discurso molda a gramática e é por ela moldado. Qualquer item, em decorrência do uso, passa a ocorrer de forma previsível e decodificável, apresentando ao mesmo tempo características discursivas, gramaticais e semânticas.

Coletamos cento e três ocorrências do *onde* no *corpus* e observamos que esse item apresenta diversos papéis no contexto comunicativo. Para fins de análise funcionalista e considerando que os aspectos da gramática, da semântica e da pragmática são responsáveis pela interação e que esses aspectos no discurso são interdependentes, reunimos essas ocorrências em dois blocos que denominamos *onde canônico onde* e *semântico-pragmático*. Esses blocos apresentam macrofunções.

No primeiro bloco, inserimos cinquenta e seis ocorrências do *onde*. Essas funções são as morfossintáticas que a GT determina. Consideradas como funções prototípicas. No segundo, quarenta e sete. Tais funções são mais abstratas. Dessas funções, surgiram funções mais específicas que denominamos de microfunções, conforme elucidaremos a seguir.

Embora tenhamos feito essa divisão, consideramos que essas funções estão no discurso na gramática porque todas as formas gramaticais desempenham papel semântico-pragmático, porque “se algo é posto em uso, o é por conta de algum papel que desempenha no discurso” (TAVARES, 2004, p. 165).

No gráfico 1, demonstramos as macrofunções que o *onde* exerce no falar pessoense.

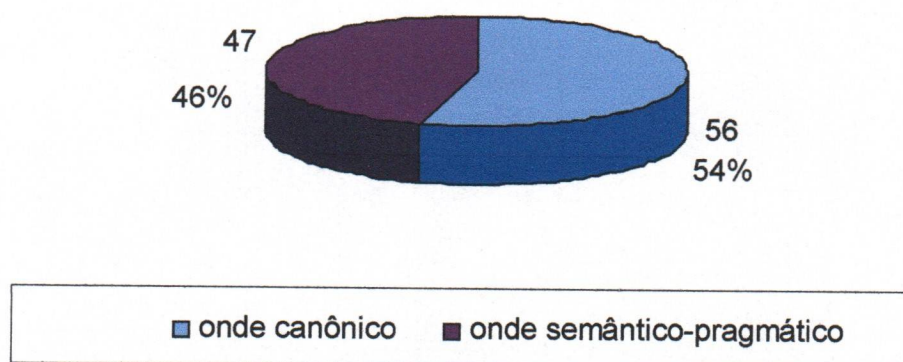


Gráfico 1 - Distribuição das macrofunções do *onde* no falar pessoense

5.3 As funções do *onde* no falar pessoense

5.3.1 Onde canônico: neste grupo, coligimos os empregos do *onde* que são definidos pela GT, mas todos apresentam a função prototípica, ou seja, um adjunto circunstancial de lugar. Os nomes que damos às funções reportam-se à classificação que a GT dá o *onde*. Nesse grupo, a mudança do item se dá apenas por critérios morfossintáticos. Esses itens apresentam, embora seja classificados pela GT, aspectos semântico-pragmáticos, estão também presentes no discurso:

- **Onde adverbial**¹² – introduz uma cláusula relativa, seja com o antecedente expresso ou latente. Para não adentrarmos na discussão acerca do *onde*, pronome relativo ou advérbio de base pronominal, como fazem os gramáticos, consideramos a dupla função do *onde*: Do ponto de vista semântico, expressa uma circunstância locativa. Sintaticamente retoma, através de uma anáfora, um constituinte de uma oração, projetando-o na outra. Por isso, optamos pela classificação adverbial. Vejamos o exemplo:

¹² Adotamos essa terminologia para os casos em o que o *onde* apresenta uma dupla função: introduzir uma oração relativa (função anafórica) e expressa uma circunstância locativa.

(01) E* Dos bairros que o senhor já morou, qual o que senhor mais gostou e que deixou mais saudade?

I. *É Mangabeira eu gosto mais [man-] **onde** eu nasci, me criei e tal. (JS)¹³.

O *onde* retoma o termo *Mangabeira*, projetando-o na oração seguinte, constituindo uma cláusula relativa. Essa é a função prototípica do *onde* nos usos linguísticos.

As funções prototípicas consistem em um conjunto de características típicas ou definidoras de um item no arcabouço gramatical da língua. Essas características podem ser: semânticas, sintáticas e morfológicas (cf. DUTRA, 2004).

Reunimos um conjunto de traços que definem as funções do *onde*:

Semântico: expressa uma circunstância de lugar, como em (2):

(2) Sacrifiquei meus estudo porque ou estudava ou trabalhava, e depois, os estudos no Grupo Isabel Maria das Neve, **onde** terminei o meu primário. Fio tudo muito bom. (ERG)

Morfológico: integra a classe dos advérbios. O *onde* é por excelência um advérbio circunstancial (cf. NEVES, 2000, p. 256). Em (03), o *onde* segundo a tradição é um advérbio de lugar.

(3) Esse pessoal que trabalha em repartição federal, ce chega assim: Fulano, nas suas férias, você vai gozar suas férias **onde**? Em canto nenhum, que eu não tenho dinheiro. (ERG)

Sintático: atua na conexão de orações completivas e locativas em (4) Nas relativas, no exemplo (5) retoma um sintagma adverbial. Vejamos o excerto:

(4) Vamos ver até **onde** vai ooo outro dela, onde é que vai até a outra. A outra já tem cinco ano cum ele né?. Mais é. (JS).

(5) Olha uma das primeira coisas que eu fazia era ajudar minha mãe, que ela tem muita vontade de sair do lugar **onde** ela mora certo? Eu ajudaria ela e ajudaria a toda a minha família que precisasse assim eu pudesse né? (RAM).

¹³ As abreviaturas constantes nos parênteses referem-se à identificação do informante usadas por Hora e Pedrosa (2001)

Entre esses traços acerca do comportamento do *onde*, o sentido espacial está presente em todos os outros, constituindo, dessa forma, a sua função prototípica. Falar em *onde* significa, portanto, fala-se de um advérbio circunstancial. (Neves, 2000b. p. 256)

- **Onde coesivo** – também chamado de advérbio conjuntivo por Castilho (2001) e Pereira (1958), porque introduz uma interrogativa indireta e, ao mesmo tempo, estabelece uma conexão entre as orações que compõem o enunciado, como em:

(06) E* Como você conheceu a sua esposa?

I* (...) me procurando pro pai dela dizer **onde** ela tava né por que ela tinha me procurado o irmão dela. (GSN).

Nessa ocorrência, o *onde* é um elemento coesivo, conserva a função adverbial locativa, mas não é um item fórico. O mesmo não ocorre com o *onde adverbial*, uma vez que este retoma um sintagma de natureza locativa na oração anterior, aquele apenas une os dois argumentos. Mas ambos expressam a circunstância espacial.

- **Onde indefinido** – alguns gramáticos consideram o *onde* também como um pronome indefinido, a exemplo de José Oiticica (1940, p. 42) que o insere na classe dos pronomes adverbiais. Para esse gramático, trata-se de indefinidos do 3º grupo, ao lado de *algures*, *nenhures* e *alhures*. Outros, como Rocha Lima (1994) e Almeida (1994), classificam como um relativo indefinido porque não explicita o antecedente como ocorre em (07):

(07) E* como o senhor tá se virando?

I*. **Onde** eu tiver eu lancho e faço tudo, tudo mais e assim vai indo. (JS)

Neste exemplo, há a possibilidade do desdobramento do *onde* em *no lugar em que*. Este emprego pode ser analisado considerando-se a intenção do falante e não expressar o lugar a que ele se refere, não é apenas uma escolha gramatical, mas também discursiva.

- **Onde interrogativo** – trata-se do *onde* empregado como um advérbio interrogativo¹⁴.

Iniciando uma oração interrogativa direta, como em:

- (08). E* Ô Josias, seu Josias, o senhor acha que o estudo lhe fez falta em alguma coisa?
I. (...) * Quando ele saiu, ele disse: “Ela mandou eu vim amanhã”. Eu digo foi mesmo? Então valeu! *apertei a mão dela assim e disse: “Boa sorte no emprego”. Fui embora. *agora diga **onde**? * Na Toália, né? (JS).

Em todas as ocorrências do *onde canônico*, está presente a função prototípica, que é o aspecto locativo. Essas microfunções, apesar de serem descritas pela GT, estão presentes também no discurso. São usadas de acordo com as necessidades discursivas do falante e não apenas por força da tradição. O falante possui um certo conhecimento gramatical e, a partir dele, constrói seu discurso. Reiteramos, portanto, a inter-relação discurso e gramática.

5. 3.2 Onde semântico-pragmático: neste bloco, inserimos e analisamos os casos em que esse advérbio apresenta outras funções semânticas que não são contempladas pela GT. Os nomes atribuídos ao *onde* reportam-se aos papéis que ele atua no discurso. Seu sentido canônico sofre um deslizamento semântico, distanciando-se de sua função prototípica, apresentando funções mais abstratas, a saber:

- **Onde espacial** – Trata-se de uma projeção do domínio espacial para outro domínio. O ponto de referência não é um lugar específico, mas um lugar que é concebido pelo falante, existente na sua mente. A abordagem do espaço é de forte cunho cognitivo de tal modo que o homem se apropria desse espaço em todos os seus sentidos, olhando o que rodeia, ouvindo sons, tateando superfícies, volumes, distância e outros aspectos. No exemplo:

- (09) (...) uma festa **onde** tenha muito movimento e jovem. Agora, depois aqui eu me casei ficou tudo mais difícil; mulher, em me apeguei demais a mulher e fiquei em casa mesmo < que era> pra mim era melhor que os assaltos hoje im dia (GSN).

¹⁴ Consideramos também os casos em que o *onde* exerce a função de introdutor de uma oração absoluta e com o sentido de lugar. Na pesquisa, encontramos poucas ocorrências do *onde* com essa função. Aprofundamo-nos mais nos casos em que esse item liga orações.

O falante, relatando a sua vida antes do casamento, usa o termo *festas*, não fazendo referência a um lugar físico, específico, e sim a uma situação que ocorreu em um determinado espaço físico. Ele conceitualiza essa ocorrência como algo que aconteceu em um espaço físico, projetado a partir de sua experiência com o espaço.

Não é difícil imaginarmos que uma *feira* seja um ato, movimento que é realizado em um espaço físico. Pensamos, portanto, em um lugar concreto. Daí, a nomenclatura espacial que usamos para essa função do *onde*.

- **Onde temporal** – houve uma migração do *onde*, do domínio espacial para o temporal. Podemos dizer que se trata de um **onde espaço-temporal** (ANDRADE, 2007). Nas ocorrências do *onde* como espaço-temporal, o falante, ao usar esse item, não faz uma referência a um lugar físico específico, mas a um espaço temporal, indicando um evento em um determinado tempo. É o tempo conceitualizado como uma locação no espaço. Registramos em:

(10) E* como foi?

I. (...) Cê lembra-se que nós viemos aqui com o engenheiro de Pernambuco tirar o nível desse terreno, medir esse terreno, medir tudo, num tempo de chuva **onde** era cercado com muita madeira aqui (ERG).

O *onde* está retomando um espaço que não é o *terreno*, mas um espaço de tempo correspondente ao período de chuva. Lugar e tempo são categorias dêiticas e imprescindíveis para situar os eventos. O falante as usa para fazer referências ao *aqui* e *agora*. Por isso, qualquer evento a que o falante se refere, contextualiza o tempo e o espaço. Essas circunstâncias são tão próximas que é fácil o trânsito de uma categoria para outra (cf. NEVES, 2000, p. 256). Por isso, há advérbios de lugar indicando tempo. Substituindo o *onde* por *quando*, percebemos que não há alteração no sentido do enunciado:

(...) medir esse terreno, medir tudo, num tempo de chuva **quando** era cercado com muita madeira aqui.

Um advérbio pode migrar de categoria locativa para temporal, como também desta para aquela, conforme fizemos na substituição acima.

- **Onde relativo** – como nesta pesquisa, o *onde* geralmente é um advérbio. Assim, adotamos essa terminologia com referência ao seu comportamento de um pronome relativo, por exemplo, *que*. Para Possenti (2001, p. 118), o item *onde* funciona como um curinga. Segundo esse autor, com o tempo, se sua marcha não cessar, será o único relativo em português. Encontramos, no *corpus*, casos dessa natureza, em:

(11) E* De que brincadeira o senhor mais gostava?

I* Bom a brincadeira da época era:: principalmente era carnaval, quando havia carnaval perto de onde eu morava tinha um clube **onde** sediava sob o comando do maestro. (ERG)

(12) Ora eu [vi] li o jornal, se diz oficial, pra mim oficial aqui bombeiro era oficial como o da polícia coisa mais não mais oficial lá e todo profissional, ou ou pedreiro, pintou, tem o oficial meio oficial **onde** nós chamamos só ajudante, o aprendiz lá é diferente.(RRB).

Embora o termo *clube* seja o lugar em que era realizado o carnaval, nesta situação, se encontra na posição de sujeito, *aquele lugar que* sediava o evento, mas ainda temos a ideia locativa latente no termo *clube*. Isso fundamenta o fato de *onde* tornar-se um relativo através das regularidades do uso.

No exemplo (11), o *onde* está substituindo um termo que não apresenta o aspecto semântico de lugar, como ocorreu em (12). Verificamos também que há casos nos quais, esse item substitui o *que* como complementizador, introduzindo orações completivas em:

(13).E*Fale um pouco de sua família.

I.(...) Quer dizer esse pessoal sabia **onde** tinha a inteligência dele pra desenvolver e administrar (ERG).

O *onde* vem imbuído da ideia de lugar, funcionando como conector entre orações, mas não tem natureza anafórica. Não adentramos nessa análise, uma vez que só encontramos na

nossa pesquisa apenas uma ocorrência do *onde* como um conectivo integrante. Essa ocorrência também pode ser analisada como um *onde coesivo*, conforme analisado anteriormente.

Nesses casos, o *onde* faz uma referência a algo seja espaço abstrato, seja temporal ou ainda substituindo um pronome relativo que apresenta ou não um aspecto espacial. Há, porém, ocorrências em que esse item, atuando ainda na organização interna do discurso, estabelece relações de causa, explicação, oposição, conclusão, exercendo, portanto, as funções típicas de um operador argumentativo, segundo nos mostram as ocorrências.

- **Onde conclusivo** – atua como um operador argumentativo, porque atua na construção interna do discurso, conecta argumentos e estabelece relação semântico-pragmática de conclusão. Funciona mais como a tradicional conjunção do que mesmo um pronome ou advérbio. Não temos dúvida, portanto, de que se trata de um operador argumentativo, uma vez que o contexto discursivo e os argumentos que se encaixam através do *onde* atestam nossa afirmação, conforme vemos nos exemplos:

(14). Porque é um emprego por exemplo fixo e é um emprego que você chega, **onde** sabendo trabalhar, você é bem recebido. (JS).

(15). (...) ¹⁵ Então, comecei dali do mercado, fundado uma praça, quando estou pensando que estou me firmando na praça, por trás um de tal de sindicato ajeitam, e não me não me incluíram no listão, que seria aquela praça de {inint} fundando, **onde** ali só cabia um dois táxi que era o meu e outro (...) (RRB).

Em (14), o falante argumenta sobre a importância do emprego, concluindo que, pela sua importância, sabendo trabalhar é sempre bem recebido no emprego. Em (15), o informante chega à conclusão de que na praça só cabiam um ou dois táxis, porque, devido ao sindicato, já existe um listão.

- **Onde causal** – o falante recorre ao *onde* para estruturar seu discurso, unindo argumentos que mantêm entre si uma relação de causa. Vejamos:

¹⁵ Não inserimos a pergunta do entrevistador, porque esse fragmento é uma parte do texto que responde à pergunta referente ao exemplo 13.

(16) Fiz uma permuta, **onde** eu tive o falecimento de meu pai, ali foi obrigado a sair dali, passar uma temporada fora.(ERG).

(17). Se eu pudesse eu ajudaria ela, porque ela passa fome, não só como ela, como amiga de mainha qui sempre vem aqui; ela que dá uma de rica, mas ela não é, mas a gente chegou ao ponto de ver qui+ela precisava vim aqui+para comer, porque não tinha qui comer **onde** a família dela despejou ela de casa porque ela tava grávida (MLT).

Na ocorrência (16), o *onde* atua como um elemento de coesão textual. Ao unir os dois argumentos, estabelece entre eles uma relação de causa. O informante permutou a casa porque lá ocorreu o falecimento do pai. Em (17), justifica o porquê de a família ter despejado a amiga de casa, uma vez que estava grávida.

- **Onde explicativo** – tem a função de ligar argumentos, estabelecendo relação de explicação. O argumento introduzido pelo *onde* é uma explicação para o anterior. Vejamos o exemplo:

(18).E* Antes de morar neste bairro, onde o senhor morava?

I* Eu morava na rua Aragão e Melo onze vinte e oito no bairro da Torre. Já me mudei pra aqui prevendo que isso aqui ia melhorar muito rápido, mas a melhora não aconteceu porque nem a prefeitura nem o governo estadual se importam atualmente com a situação de residência nesse bairro. Haja visto, somente o que é visto nas vistas do prefeito e inclusive do governador, é a orla marítima, **onde** ali eu tenho certeza que tem serviço de limpeza que funciona dia e noite (JS).

Em (18), a relação que o *onde* expressa é de explicação e não de lugar. O fato de a orla ser vista pelas autoridades, para o informante, é uma explicação para a existência de serviço de limpeza. O contexto discursivo também nos dá condições para essa análise, uma vez que se trata de um relato dos bairros da cidade e principalmente a orla, por ser um lugar turístico.

- **Onde adversativo** – o informante emprega o *onde* em (19) para unir dois argumentos. Analisamos-os da seguinte forma: argumento que vem antes do *onde*: os pedreiros trabalharam no térreo, terceiro andar, em cima era uma diferença maior; argumento posterior ao conectivo: não resolveram o problema. Como esses argumentos se opõem, consideramos, portanto, um *onde adversativo*. Observemos a ocorrência (19):

(19). Então eu podia entrar no no térreo, quase no térreo no terceiro andar ou deixar o o quinto o sexto lá em cima que era uma diferença maior lá eles já tinham trabalhado **onde** num tinha conseguido debelar. Isso aí me deu sorte dentro da eletrotécnica matoso (RRB).

No excerto acima, não há dúvida de que a relação que o onde estabelece é de oposição e não de lugar.

- **Onde comparativo** – esse item é usado para unir argumentos que apresentam uma relação de comparação. Observemos o exemplo (20) em que há uma comparação entre o caminhão e a locomotiva.

(20) I* O Presidente deveria investir em rodovia ferroviária, para tentar o barateamento de frente norte-sul e leste oeste em toda a economia brasileira. Negócio de caminhão, essas coisas, só dá prejuízo. **Aonde** a locomotiva puxa trinta, quarenta vagões, o caminhão só carrega um, e o consumo é o mesmo. (ERG).

Usando as mesmas ocorrências (14), (16), (18) (19) e (20), permutamos o *onde* por conectivos correspondentes às relações semântico-pragmáticas citadas, percebemos a coerência nos enunciados, conforme mostramos em:

- **Conclusão:** (...) é um bom emprego que voce chega, **portanto** sabendo trabalhar você é bem recebido;
- **Causa:** (...) fiz a permuta **porque** eu tive o falecimento de meu pai;
- **Explicação:** Somente o que é visto pelo prefeito e inclusive do governador é a orla marítima, **pois**, ali eu tenho a certeza que tem serviço de limpeza;
- **Oposição:** (...) lá eles já tinham trabalhado, **mas** não tinha conseguido debelar.
- **Comparação:** **Enquanto** a locomotiva puxa trinta, quarenta vagões, o caminhão só carrega um.

Tendo em vista as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas do *onde* nos dados analisados, percebemos sua atuação nos diversos níveis da língua. A partir dessas ocorrências, dizemos que as estruturas de uma língua estão a serviço da gramática das relações discursivas. Assim, a gramática se revela como uma rede de relações, e o estudo do item linguístico passa a ser considerado como o estudo das relações que são estabelecidas entre os

componentes morfológico, sintático e semântico de uma língua. Estamos tratando, pois, de uma gramática como um conjunto de regularidades oriundas do uso e um item, cujas funções estão no nível da gramática e do discurso.

A função espacial é a mais recorrente porque o *onde adverbial* se sobrepõe aos demais papéis ainda locativos, haja vista esse item manter um duplo comportamento no discurso: anafórico-espacial. Todas essas funções são determinadas pela GT, conservam o aspecto locativo e também estão presentes no discurso.

O *onde semântico-pragmático* apresenta várias microfunções conforme analisamos. Embora algumas dessas microfunções apresentem um número reduzido de ocorrências, a exemplo de o *onde adversativo* e o *onde comparativo*, conferir gráfico 2, constatamos que esses sentidos são representativos para a nossa pesquisa, porque nos dão indícios de que outros papéis, por força do uso, estão surgindo e podem se firmar na gramática. Por isso, achamos importante analisá-los.

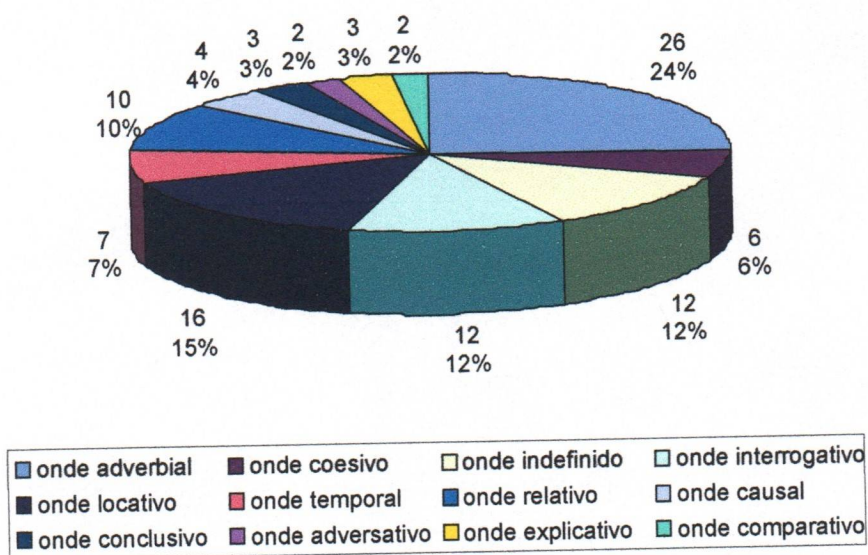


Gráfico 2 - Distribuição das microfunções do *onde* no falar pessoense

Uma vez que os papéis do *onde* estão fazendo parte da gramática do pessoense, analisaremos, na subseção a seguir, essas funções à luz da gramaticalização e da iconicidade. Na gramaticalização, serão considerados também os processos de abstratização e metaforização que, possivelmente, estão condicionando essa expansão multifuncional do item analisado no falar

peçoense. No que tange à iconicidade, descreveremos as motivações de ordens diversas – cognitiva, comunicativas e sociais.

5.4 O Processo de Gramaticalização do *onde*

Entendendo a gramaticalização como um processo de criação da gramática, constatamos que, paralelo a padrões morfossintáticos estáveis e sistematizados através do uso, a gramática apresenta mecanismos de codificação emergentes, ou seja, ao lado da função prototípica de um item, por necessidades discursivas do falante, surgem outras. Assim, a gramaticalização é um processo relacionado à necessidade de *se refazer* que toda gramática apresenta (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 173).

Nos dados analisados, o *onde* apresenta novas funções no discurso que atendem aos seguintes requisitos: servem ao propósito comunicativo, apresenta uma regularidade de usos, passando, então, a fazer parte da gramática de usos do falante.

Considerando as diversas funções do *onde* no *corpus*, verificamos que esse item apresenta uma trajetória de gramaticalização, na qual está ocorrendo um processo de abstratização crescente em um caminho unidirecional, isto é, migrando de seu sentido concreto para o abstrato. Essa trajetória pode ser descrita a partir da escala proposta por Traugott e Heine (1991):

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

Apresentaremos e comentaremos as ocorrências do *onde* no *corpus*, que mostram essa escala de abstratização: A princípio, o *onde* apresenta o sentido concreto que se insere no bloco espacial. Na pesquisa, esse aspecto ocorreu majoritariamente (54%), mantendo sua função canônica, isto é, retoma algo de natureza espacial, como constatamos em:

(21). E de lá então, vendi e comprei essa situação aqui no Cristo, onde moro até hoje e daqui eu acho que eu não sei mais, porque só, se direto para o cemitério do Cristo. (ERG).

(22). Rapaz, se você num é meu parente, mais você é de **onde**? – Eu disse: “sou da Torre”. (RRB)

Em (21), o *onde* retoma o termo *Cristo*, que, por ser o nome do bairro no qual mora o informante, é de natureza espacial. Em (22), retoma um lugar não explícito, resumindo o termo oculto em de qual *lugar*.

Há ocorrências do *onde* apresentando outro sentido diferente do original, estabelecendo uma relação temporal, conforme notamos em:

(23) * Pouco, que eu trabalhava mais escondido saca? Onde eu tinha mais relacionamento cum os cliente foi no “rango”, que eu trabalhava de ajudante de garçom, então eu tinha mais, sabe? (...) Foi ótima aquela época que eu **onde** tive mais intimidade com os cliente foi naquela época (JS).

Nessa amostra, o *onde* exerce o papel de um advérbio, faz alusão a uma situação que ocorreu em um determinado espaço de tempo, referindo-se ao período em que trabalhou no restaurante. Situa o evento em um determinado espaço físico (o restaurante) e em um espaço de tempo. Há também a presença da palavra termo *época* que indica um período localizado no tempo.

No processo de gramaticalização, verificamos que a abstratização se dá primeiramente do espaço físico para o temporal, uma vez que o tempo é a metáfora mais direta do espaço. O falante metaforiza o tempo como um espaço. Por isso, é comum usarmos a expressão *num determinado espaço de tempo*.

Nos blocos espacial e temporal, o *onde* conserva a função prototípica, isto é, mantém o seu sentido espacial e adquire o sentido temporal. Havendo, portanto, a persistência defendida por Hopper. Outro dado que caracteriza a gramaticalização do *onde* é o fato de esse item apresentar camadas. Segundo Hopper (1991, p. 22), dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão surgindo. É o princípio da estratificação, conforme veremos adiante, que consiste no surgimento de novas funções que coexistem nos usos com a função primitiva.

No bloco textual, o *onde* adquire outros papéis mais abstratos, retoma uma situação, metaforizada como algo que está localizado em um espaço físico. Vejamos o exemplo:

(24).E* O que seria diferente na sua vida se tivesse continuado os estudos, o que poderia ter sido?

(...) aí fui pra o Recife, (hes) conclusão final dos exames que teriam sido feito **onde** eu podia ser reprovado (RRB).

Não é difícil imaginar que uma prova, (exame) não seja um objeto físico, por ser materializada em um documento físico, num espaço escrito. Podemos, pensar, assim, um lugar estendido.

O *onde* ainda no bloco textual, adquire outros sentidos cada vez mais distante da noção de espaço e tempo, apresenta um alto grau de abstratização, unindo argumentos de natureza nem espacial nem temporal. Esse item, passando por um processo de gramaticalização de novas funções, estabelece relações de causa, explicação, conclusão, comparação, oposição entre argumentos no discurso, conforme mostra o exemplo:

(25) E* o que seria diferente na sua vida se tivesse continuado os estudos, o que poderia ter acontecido?

I*(...) eu continuei minhas atividade porque eu peguei um dos melhores trabalhos que eu podia ter no quartel, **onde** a obediência ali era no grito (RRB).

Em (25), o informante explica por que ele pegou os melhores trabalhos no quartel, uma vez que tudo lá era no grito e havia obediência. O *onde* está relacionando os argumentos. O segundo argumento é uma explicação para o argumento expresso na primeira oração.

Para Traugott e Heine (1991, p. 48), no processo de gramaticalização, o sentido original pode desaparecer ou ser substituído por outros cada vez mais diferentes. Em relação ao *onde*, o sentido primitivo não desapareceu, graças ao princípio da persistência. Mas, paralelas à função prototípica, estão surgindo outras funções, não substituindo abruptamente a função primitiva, fundamentando, assim, o princípio de novas funções para velhas formas. Seguindo a concepção de Heine e Rech (1984), constatamos que o processo de gramaticalização do *onde* vem afetando dois níveis da língua: o funcional e o morfossintático. No primeiro, inserimos o distanciamento semântico causando novos papéis gramaticais, semântico-pragmáticos e discursivos desse item em relação à sua função primitiva, e o segundo, a inserção do *onde* em outras categorias gramaticais.

5.4.1 A reanálise e a analogia na gramaticalização do *onde*

Conforme já definido no capítulo teórico, a reanálise é o reflexo de novas interpretações, resultando em outras categorias. O item, em processo de gramaticalização, pode sair de sua categoria prototípica e migrar para uma nova categoria.

Em relação ao *onde*, na reanálise, não houve a mudança de categoria, e sim a flutuação desse item na categoria de pronome e advérbios, entrando ainda na classe dos operadores argumentativos, conforme já abordamos nos casos do *onde* na macrofunção semântico-pragmática. Há, portanto, uma progressão abstrata de sentidos, partindo do mais concreto (espaço físico) para o mais abstrato. Mostraremos alguns exemplos seguidos de comentários que justificam essa flutuação:

(26). (...) vendi e comprei essa situação aqui no Cristo, **onde** moro até hoje. (GSN).

(27). E* E como foi o nascimento, nascimento mesmo da, das filhas? Me conte.
I* Olhe. Risos (...). Aí mãe disse: - Mais doutor, num fale não, que isso é escanchada o dia todinho cum aquela outra menina no braço e ela tem que levar o marido o o almoço do marido dela todo dia e. Deixa eu ver **onde** é que eu [-tava]. Aí o médico disse né? Quando ela quase rompia o útero (RAM).

(28). Aqui na Paraíba que eles num querem um mais, o processo de individualismo, em coletivo, **onde** aqui num coletivo tinha as vezes oportunidade de ter cinco donos, já era precária a coisa e tinha um coletivo com cinco donos. (RRB).

Em (26), o *onde* exerce a sua função prototípica de um advérbio locativo; em (27), ainda funciona como advérbio, retoma algo não mais com a noção de espaço concreto, e sim um lugar abstrato. O informante metaforiza a entrevista como um espaço, conserva ainda a noção espacial, algo que ocorre em um determinado espaço físico. Há uma progressão do sentido concreto para o abstrato. Já em (28), o *onde* apresenta as funções típicas de um operador argumentativo, liga argumentos e estabelece uma relação de explicação: segundo o informante, o sistema de transportes na Paraíba não estava aceitando o processo individual, e sim o coletivo, pois existiam coletivos que possuíam cinco donos.

A analogia é o processo que consiste no desempenho de outras funções por formas já existentes na língua. Com a analogia, o *onde* não mudou de categoria. Ao contrário, passou a assumir funções de outras categorias. Podemos dizer, observando nossos dados, que esse item está passando por um processo de metaforização. Ao lado de sua função prototípica está exercendo outros papéis, cada vez mais abstratos. Não surgem novas formas, porém outras funções são exercidas por itens que já existem, por exemplo, o *onde*, na amostra, exerce a função de um advérbio, retomando um termo de natureza abstrata, mas que se realiza em um determinado espaço:

(29) Eu parei porque tinha muita dificuldade, a gente trabalhava no trabalho *onde* eu agora como chefe de setor de reprografia, aí eu trabalho os dois expedientes. (LGP)

O *onde*, no *corpus*, sofreu influências tanto da reanálise, com a sua inserção em outras categorias gramaticais, como da analogia, com a ampliação semântica. Incluímos nessa extensão semântica os papéis exercidos pelo *onde*, como temporal, conectivo causal, conclusivo, adversativo e comparativo, exercendo funções referentes à organização do discurso.

5. 4.2 O *onde* e a unidirecionalidade... Que caminho seguir?

A unidirecionalidade é o princípio que ocupa lugar central nas discussões acerca da gramaticalização. Diz respeito à linearidade que a gramaticalização apresenta, desenvolvendo-se sempre da esquerda para a direita. Havendo invariavelmente um estágio **A** que deve ser seguido por um estágio **B**: **A**→**B**, sem possibilidade de um caminho inverso. **A**←**B** (CASTILHO, 1997).

Entendemos a unidirecionalidade como uma abstratização semântica do item em processo de gramaticalização. O *onde*, na nossa pesquisa, manteve a sua função primitiva, isto é, a função espacial, seja um espaço concreto ou abstrato, vejamos as ocorrências:

(30). Quando eu cheguei no Recife, o o Colégio Militar, **onde** eu fiquei adido lá, não tinha rancho; (RRB).

(31). Bom a brincadeira da época principalmente era carnaval, **onde** havia porque perto de onde eu morava tinha um clube. (ERG)

(32) a minha infância foi sofrida, bem [vi-] bem vivida honestamente, porém sofrida. (...) minha mãe morreu (...) depois meu pai casou, depois, casou-se novamente, **aonde** a sua segunda esposa já veio quatro filhos.

Em (30), o *onde* retoma um espaço físico concreto (colégio); em (31), ocorre uma abstratização, o *onde* não se refere a um lugar físico, e sim um espaço de tempo. Já em (32), esse item apresenta um sentido ainda mais abstrato. Está no discurso com a função de conectar argumentos, funcionando uma conjunção aditiva, aceitando a permutando por *e*. Por isso, à medida que um item se distancia de seu comportamento original, adquire um alto grau de abstratização, assumindo outras propriedades. Analisando os exemplos acima, deduzimos que a categoria de espaço é mais concreta que a de tempo. Sendo esta mais concreta em relação à categoria textual, isto é, o uso do *onde* conectando argumentos e estabelecendo relações semântico-pragmáticas, como ocorre em (32). Portanto, podemos afirmar que o *onde* apresentou a trajetória: **espaço > tempo > texto**.

Em relação à unidirecionalidade do *onde*, na pesquisa, chegamos às seguintes conclusões:

- a. Esse item não saiu de uma categoria para outra. Ao contrário, permanece na categoria advérbio e pronome, e esse fenômeno já ocorre na gramática;
- b. Ao mesmo tempo, exerce funções locativa, temporal e textual;
- c. A forma apresentou um abstratização unidirecional, associando novos significados à função canônica.

5.4.3 O *onde* e os princípios de Hopper

Hopper postula cinco princípios. Neles, relaciona aspectos sincrônicos e diacrônicos a processos pragmáticos que regem o processo de gramaticalização em sua fase incipiente (SILVA, 2005). Nem sempre é fácil definirmos se um determinado item concluiu ou não o processo de gramaticalização, por exemplo, o *onde*. Dados os argumentos que seguem, inferimos que esse item se encontra em processo de gramaticalização.

Considerando os dados analisados na pesquisa, observamos apenas dois dos princípios de Hopper no processo de gramaticalização do *onde*, uma vez que este item se encontra em um processo de expansão semântica.

Persistência: o *onde* conserva sua função primitiva, atuando como um item fórico de natureza locativa, mesmo em casos mais abstratos, seus traços prototípicos foram conservados. Comprovamos nossos argumentos haja vista o percentual do *onde canônico* (56%) e ainda o *onde* retomando um espaço projetado na mente do falante, chamado de *onde adverbial* (24%).

Camadas: novos papéis estão sendo acrescentados à função canônica do *onde*. Com o surgimento das camadas, as novas funções divergem das já existentes. Os percentuais das diversas funções do *onde semântico-pragmático* (gráfico 2) revelam que novas camadas estão surgindo. No entanto, é importante destacar que poderão surgir outras a depender das necessidades comunicativas do falante.

Esses dois princípios de Hopper (1991) evidenciam que o *onde* apresenta-se em um processo de gramaticalização em curso que pode alterar o sistema dos conectivos em português, a exemplo do que ocorreu com a gramaticalização do *onde* expressando o sentido de tempo e de operador argumentativo. Como esse item, segundo os dados analisados, atua concomitante na classe dos advérbios, pronomes e operadores argumentativos, ainda não podemos afirmar que ele apresenta o princípio da decategorização, especialização e o da divergência.

5.5 O *onde* e o princípio da iconicidade

Uma vez que a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é que a estrutura linguística revela propriedades da experiência, conhecimento de mundo, como também o funcionamento da mente.

A iconicidade seria, portanto, o princípio por meio do qual se pode criar uma relação de semelhança ou metafórica entre uma coisa, por exemplo, uma imagem ou fotografia e outra (o ser ou objeto retratado). Por isso, Os processos metafóricos são uma dos fatores da iconicidade. É o princípio por meio do qual vários fenômenos gramaticais refletem vários aspectos do mundo que nos rodeiam e do mundo que experienciamos.

Dessa forma, concordamos com Dutra (2004 p. 44): ao dizer que:

E o que é real, o que experienciamos na nossa vida diária, é o que ocorre à nossa volta: o eu, o aqui, o que está próximo, o agora, o vivido, o testemunhado. O outro – isto é, o lá, o distante, o experienciado por meio de terceiros ou o que não acontece à nossa volta – é parte do mundo que construímos e não parte do mundo que experienciamos diretamente.

Nos dados, observamos que os diversos comportamentos do *onde* reporta-se aos processos de transferência de domínios que refletem experiências e relações associativas pelos usuários.

O falante não emprega uma determinada estrutura a partir do nada, a tendência é usar termos que já existem na língua e, de certa forma, faz corresponder à estrutura com o sentido que ela expressa.

(33) Levava uma panela lá, com lacre em tablete no álcool, ali derretia tudinho, derramava em cima do lugar **onde** tinha sido lacrada com goma branca. (ERG).

(34) Quando se fala, dizem é com a prefeitura. Vai-se à Prefeitura, não, é com a Saelpa, e no instante existe um telefone ali, **aonde** o pessoal costuma, mas eu não faço isso. (ERG).

Perguntamos: Qual (is) a(s) razão (ões) do emprego do *onde* nessas ocorrências?

Em (33), o *onde* está retomando um termo com a função de sujeito, que poderia se retomado pelo relativo *que*. O emprego desse item se justifica pela presença da palavra *lugar*, possibilita assim, ao falante o uso do advérbio locativo.

Em (34), em se tratando do emprego do *aonde* com relação à forma verbal *costuma*, podemos fazer as seguintes deduções:

- (i) A presença de o verbo *ir* que pede um complemento locativo;
- (ii) A presença do advérbio locativo *ali*;
- (iii) Talvez a presença da perífrase verbal *costuma ir* na mente do falante.

Esses usos sugerem que os falantes façam as associações na língua, estejam constantemente adaptando as estruturas aos diferentes contextos de interação, havendo, portanto, uma correspondência da forma com o significado que ela expressa.

É importante destacar que os estudos funcionalistas dão ênfase à função sobre a forma. Dessa forma, a iconicidade não se manifesta apenas na relação entre a estrutura e sentido, mas também na estrutura da oração e até mesmo do discurso.

No que tange aos subprincípios da iconicidade, tendo em vista os diversos empregos do *onde* na fala do pessoense, encaixando orações e organizando o discurso, constatamos que é o **subprincípio da ordenação linear**. Chegamos a essa conclusão, partindo dos percentuais que os dados nos mostram: onde adverbial – encaixando orações relativas (24%) e onde semântico-pragmático, conectando orações, expressando relação de tempo, causa, conclusão, explicação, e outras (54%).

O princípio da iconicidade fundamenta a gramática de uma língua em constante alteração em um processo infindável de renovação, conforme verificamos o comportamento multifuncional do *onde* na gramática do pessoense. Através do princípio da iconicidade, as estruturas se tornam mais expressivas e icônicas nos contextos em que são usadas pelo falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar um fenômeno linguístico a partir dos usos é levar em conta o contexto em que esse fenômeno se manifesta. Por isso, descrevemos a multifuncionalidade do *onde* no falar pessoense, partindo do pressuposto de que a mudança linguística ocorre em contextos interativos, uma vez que no funcionalismo, toda e qualquer análise de um fenômeno se fundamenta nos usos. É nas situações reais que as formas se atualizam. Nessa atualização, surgem novas estruturas e funções que os falantes constroem no seu cotidiano, refletindo os vários estágios por que passa uma língua no contínuo processo de renovação de seu sistema, cuja gramática organiza os elementos do léxico no discurso, adequando-se às restrições morfossintáticas. Nesse sentido, a gramática é a veiculação de estratégias sintáticas, semântico-pragmáticas e discursivas, como também um conjunto de regularidades oriundas da interação. Esta gramática descreve o comportamento linguístico que os falantes automática e sistematicamente apresentam no uso cotidiano que fazem da língua.

Cada item linguístico é explicado *pelo e no* seu comportamento no discurso. Sendo assim, a língua, na sua realização, apresenta características gramaticais e discursivas. A gramática e o discurso são duas faces da língua. Ambas se constroem e se constituem na comunicação. Dessa forma, o discurso e a gramática são inseparáveis. A língua, na sua realização dinâmica e autorregulatória, apresenta características discursivas e gramaticais.

Analisando as funções do *onde*, constatamos que este item apresenta um caráter híbrido e emergente. É híbrido, porque oscila nas categorias adverbial e pronominal; emergente, pois, ao lado de suas funções prototípicas, estão surgindo outras. Sem uma descrição da multiplicidade dos papéis que os itens estruturas linguísticas apresentam nos diversos contextos interativos, é impossível conduzir um estudo acerca das mudanças linguísticas implementadas constantemente pelo usuário.

O aspecto polissêmico do *onde* origina-se de um processo de abstratização em que o espaço físico é o sentido primário que contribui para a construção de conceitos mais abstratos. É imprescindível ressaltar que a opção por itens e funções, em geral, ocorre de modo imperceptível à consciência do falante durante o processo mental da comunicação. Ocorre em resposta a um conjunto de motivações cognitivas, discursivas e sociais. Baseados nessa afirmação e retomando Salomão (1994), justificamos a existência de duas tendências que justificam o uso dos itens e

funções: a externalista que se fundamenta no contexto discursivo e a internalista, corresponde aos processos mentais, responsáveis pelo uso dessas estruturas e funções.

Correlacionamos essas duas tendências às forças interligadas que atuam na mudança linguística: uma de natureza cognitiva, outra advinda das pressões de uso, há, assim, uma correspondência entre o nível linguístico e o cognitivo que aponta para uma relação bidirecional e, por conseguinte, uma interdependência entre língua e cognição que justifica a transposição de um domínio para outros através da metaforização, emergindo das necessidades discursivas dos falantes.

Os papéis diversos do *onde* mostram uma extrema regularização no seu emprego. Não são vícios de linguagem. Ao contrário, estão sistematizados na gramática e no discurso. Tendo em vista a fluidez e a maleabilidade que a língua apresenta, novas formas e funções estão surgindo. As mudanças, como já dissemos, são decorrentes das pressões de uso e ocorrem gradativamente, dando origem a enunciados em que duas ou mais formas coexistem em um determinado contexto ou uma forma apresenta mais de uma função.

Em se tratando da multifuncionalidade do *onde*, observamos que seus diversos sentidos estão simultaneamente presentes. A convivência de sentidos e funções desse item na fala pessoense fundamenta a concepção de Paul (1966): um sentido ou forma antiga não é excluído com o aparecimento da forma ou sentido novo.

Com a análise, descrição e interpretação dos dados, concluímos que essa forma se encontra em um processo contínuo de gramaticalização. Segue uma trajetória: **Espaço > Tempo > Texto**, estando, ao mesmo tempo, nos três blocos: bloco espacial, bloco temporal e bloco discursivo. No espacial, encontramos o *onde* que dá conta de sua função espacial, referindo-se ao um espaço seja concreto ou abstrato; No temporal, temos as ocorrências do *onde* retomando algo de natureza temporal e, no textual, incluímos as funções mais abstratas, tais como os usos do *onde* encaixando argumentos de natureza causal, explicativa, conclusiva, adversativa e outras.

Por ser funcionalismo a corrente linguística que considera o uso essencial para a compreensão da natureza da linguagem, como também o caráter teleológico da função, a língua é um sistema funcional, utilizado para um determinado fim. Para os funcionalistas, a língua é dinâmica e focaliza a criatividade do falante para adaptar as estruturas aos diferentes contextos discursivos.

Em se tratando dos princípios do funcionalismo embasaram a análise dos dados e tendo em vista a multifuncionalidade do *onde*, expomos algumas considerações:

Entendemos a gramaticalização como um processo de mudança linguística gradual e unidirecional, em que os elementos gramaticalizados apresentam novas funções e podem mudar de categoria. A gramaticalização se inicia quando os itens ou estruturas tornam-se habituais. Daí, rotinizam-se e desvinculam-se de seus contextos restritos.

Considerando os dados analisados na pesquisa, constatamos que o *onde* apresentou alguns princípios da gramaticalização, como a co-variação de funções para uma só forma. Nessa disputa, essas funções estão passando pela estratificação ou camadas em que ocorre mais uma função do que outra. Simultaneamente, o *onde* atua nos domínios espacial, temporal e discursivo. Em todas as ocorrências, esse item apresentou o maior índice de usos no aspecto espacial, justificando, assim, o princípio da persistência. Esses dois princípios nos dão indícios de que o *onde* no falar pessoense esteja passando por um processo de gramaticalização.

Acreditamos que há muito a se fazer para a compreensão, interpretação e explicitação dos processos de gramaticalização no que se refere ao universo da língua. Os usos ainda não descritos pelos compêndios tradicionais são fontes de informação para descrever e compreender a natureza autorregulatória dos mecanismos linguísticos.

Um princípio, entre outros, importante para os funcionalistas é a iconicidade que representa as experiências do falante ao construir uma gramática a partir do cotidiano, refletindo vários aspectos do mundo experienciado. O falante conceitualiza os eventos como se estivessem dentro de um espaço físico, seja concreto, seja abstrato, projetado cognitivamente, levando em conta suas experiências em contato com o mundo exterior.

Há uma motivação entre os usos dos itens e estruturas. Os informantes, através da iconicidade, associando o tempo a um espaço e ainda a uma determinada situação, usam o *onde* com referência a espaço físico, espaço de tempo e espaço mental. Esse item também atua na conexão de argumentos na cadeia discursiva, já não fazendo mais referência a algo de natureza espaço-temporal.

Assim, dizemos que as os itens e estruturas de uma língua estão a serviço da gramática das relações discursivas, e a língua é um processo infindável de renovação gramatical. Daí, a necessidade de se desenvolverem estudos que reflitam acerca da natureza da gramática em interação.

Retomando os argumentos de Martelotta (2008), postulamos uma ré-análise da gramática, considerando a pragmática e não apenas a fonologia, a morfologia a sintaxe e semântica como seus níveis de estruturação. Quem pretende descrever uma língua não pode esquecer que ela é abstrata e somente os usos a tornam concreta. Sem a análise que as estruturas e funções apresentam em situações de uso, torna-se impossível empreender um estudo da mudança linguística.

Entendendo a língua como um sistema vivo que se auto-organiza, adaptando-se às diversas situações discursivas através da gramática que se constrói cotidianamente e a partir da análise funcional acerca do *onde* no falar pessoense, constatamos que essa forma apresenta um comportamento multifuncional na gramática do pessoense.

Os resultados deste trabalho confirmam as hipóteses aventadas, ficando evidenciado que aspectos sintáticos, semântico-discursivos e pragmáticos e também cognitivos atuam na multifuncionalidade do *onde*. Os resultados obtidos nesta pesquisa propõem algumas reflexões para a análise e descrição linguísticas:

- Reexame do que dizem os gramáticos acerca do uso e emprego das categorias gramaticais, considerando que uma mudança de função condiciona a passagem do item para outra categoria, ou uma flutuação entre elas, por exemplo, o *onde*;
- Inserção do *onde* em outras categorias, por força de alterações em suas propriedades sintáticas, semântico-pragmáticas e discursivas e também em razão de uma reanálise categorial;
- Descrição dos fenômenos linguísticos, tomando por base os usos;
- Correlação na análise linguística de dados da GT com a GF tendo em vista que, onde a doutrina tradicional costuma delimitar os limites entre as categorias, a GF analisa as mediações possíveis;
- Sistematização das funções dos itens na gramática e no discurso;
- Iconicidade como a construção de uma gramática que espelha vários aspectos do mundo que, de fato, o falante experencia;
- A gramaticalização como um processo gradativo que envolve níveis cognitivo, pragmático, semântico e sintático. Todos convergem em um ponto: o discurso;

- Utilização da pancronia na descrição lingüística para verificar se os usos atuais são reflexos de formas e sentidos existentes em outras fases da história da língua, ou uma inovação motivada por pressões cognitivas e de uso;
- O tempo não é o único fator que propicia a mudança, mas também fatores de ordem cognitiva e os processos de transferência de domínio;
- A mudança lingüística representa a gramática de uma comunidade de fala, que mantém viva uma língua natural. Assim, podemos afirmar que o aspecto multifuncional do *onde* representa uma mudança na gramática do pessoense;
- Há ainda muitas estruturas e funções que necessitam de investigações nos usos lingüísticos. Essas formas e funções são decorrentes de outro fator importante: a língua, que é um sistema funcional em contínuo processo de adaptação e mudança;
- Com o funcionalismo, o que, para alguns, é considerado vício lingüístico de hoje pode se transformar na regra gramatical de amanhã.

Os dados e argumentos elucidados nesta pesquisa, considerando-se também outros estudos já realizados constituem reflexões acerca da língua em uso. Essas considerações não são verdades incontestáveis, mas oportunizam dados para outras e futuras investigações.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Alex Sander. Os emergentes do Idioma. In: *Revista Língua Portuguesa* - junh. 2007. São Paulo: Editora Segmento, n. 20 p. 28-32.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1994.
- AMARAL, Vasco Botelho, *Novo Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*. Porto: Editora Nacional Ltda, 1943.
- ANDRADE, Nadja. Onde observado na modalidade escrita de um dialeto brasileiro. In: FERREIRA, Carlota et al (org). *Diversidade do Português do Brasil – Estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1988, p.185-192.
- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. O item lexical onde na comunidade de fala de João Pessoa – PB: uma análise funcionalista. In: *I Colóquio Nacional de Estudos da Linguagem: Linguagem como prática social: fronteiras e perspectivas*, 14 a 16 de novembro de 2007. Natal: UFRN.CD-ROM.
- AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, volume IV. Rio de Janeiro: 1958.
- BECHARA, Evanildo. Moderna. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BARROS, João de. Gramática da Língua Portuguesa. In: MACHADO, José Pedro (org). 1ª Edição. São Paulo: 1957.
- BASTARDAS PARERA, Juam. *Particularidades sintacticas Del latin medieval: (cartulorios espanhóles de los siglos VII al XI)*. Barcelona: Escuela de Filologia, 1953.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. *Expressão do Espaço no Português Europeu – Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BITTENCOURT, Vanda de O. U e onde nas *Cantigas de Santa Maria: Caminhos de gramaticalização e Discursivização*. In LEÃO, Ângela Vaz; BITTENCOURT, Vanda O (orgs.). *Anais do IV Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Belo Horizonte: PUC/MG, 2003, p. 159-157.

- BOMFIM, Maria Stela Lopes. Emprego do **ONDE** em textos Escritos: Textual ou ininteligível? *Revista do GELNE*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, v. 7 n. 1/2, p.61-71, 2005.
- BONFIM, Eneida do Rego Monteiro. *Variação e Mudança no Português Arcaico: O caso de u e onde*. Rio de Janeiro: revista *Palavra* n° 1, 1993.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de Usos do Português no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002, v. único.
- CÂMARA, Jr. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Serões Grammaticaes*. Salvador: Progresso: 1955.
- CASTILHO, Ataliba T. *Unidirecionalidade ou multidirecionalidade? O problema da Gramaticalização*. Mesa-redonda sobre Gramaticalização, XVII Encontro da ANPOLL, GT DE SOCIOLINGÜÍSTICA, Gramado, RS: 2002. (mimeo)
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Introdução à Lingüística Cognitiva*. Relatório Científico submetido à FAPESP (Processo 99/10399-9). Brasília: CNPq/ SP: USP, 2001.
- CASTILHO, Ataliba T. A gramaticalização. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Salvador: EDUFA, 1997.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- COELHO, Sueli Maria. Uma Análise Funcional do **ONDE** no Português Brasileiro: Da Sintaxe ao Discurso. Belo Horizonte, 2001, 123 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- CHRISTIANO, Maria Elizabeth A; HORA, Dermeval. Item lingüístico pronto: entre a gramaticalização e a Discursivização. In. CHRISTIANO, Elizabeth A. SILVA, Camilo Rosa, HORA, Dermeval (orgs). In: *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 183-192.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DE MULDER, Walter. La Linguistique diachronique, les études sur la grammaticalisation et la sémantique du prototype: présentation. *Langue Française*, mai. 2001v. 130, p. 8-32.
- DUTRA, Rosália. *O Falante Gramático: Introdução à Prática de Estudo e Ensino do Português*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática Sintética da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1948.
- FRANCIS, Elaine J; YUSA Etsuyo. A multi-modular approach to gradual change in gramaticalization. *Journal of Linguistics* (2007), Cambridge: University Press. Disponível em <<http://journals.cambridge.org/action/display>>. Acesso em 15/08/2008.
- FRAGOSO, Luane da Costa Pinto Lins. A Gramática Funcional e o Processo de Gramaticalização. *Saberes*, Rio de Janeiro: 2003, ano III Disponível em: < <http://www.estacio.br/graduacao/letras/revista>> Acesso em 02/04/2008.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa – Volume IV*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Análise Funcionalista de Procedimentos Discursivos. In: PASSEGIM, Luis; OLIVEIRA, Maria do Socorro (orgs) *Linguística e Educação: Gramática – Discurso e Ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001. p. 55-77
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA; Mariângela Rios de MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística Funcional: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto: 2008. p. 157-176.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax and Semantics: discourse and syntaxe*. New York: Academia Press, 1979, v. 12.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; HERNANDES-LIMA, Maria Célia; GALVÃO-CASSEB, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HEINE, B, CLAUDI, U. HÜNNEMEYER F. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago ad London: The University of Chicago Press, 1991.

- HEINE, BERND & Reh, Mechtila. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HOPPER, P; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. Closs e HEINE. B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. V. 1. p. 17-36, 1991.
- HOPPER, Paul. *Emergent Grammar*. Berkeley Linguistic Society, n.13, 1987, p. 139-57
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. *Projeto Variação Lingüística no Estado das Paraíba – VALPB*. João Pessoa: Idéia, 2001.
- HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: Trajetória de uma proposta. In: HORA, Dermeval (org). *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB/BC. 2004, p. 13-28.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.
- KERSCH, Dorotea Frank. A palavra *onde* no Português do Brasil. Porto Alegre, 1996, 178p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. *Textos Arcaicos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1937.
- LEHMANN. C. *Grammaticalization : Synchronic Variaton and Diacronic change*. *Lingua e Stile*. v. 20.n.3, 1985 p. 303-318.
- LINDSAY, W. M. *A short historical latin grammar*. Oxford: Claredon, 1937. 2 ed.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura Morfo-ssintática do Português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. São Paulo: Pioneira, 1997.8 ed.
- MACIEL, João Wandemberg G. A Referenciação Anafórica do ONDE em Textos Jornalísticos. In: ALDRIGUE, Ana Cristina; FERRAZ, Eliane Alves. (orgs). *Diálogos Heterogêneos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004 p. 145-152.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo T. Os Circunstanciadores Temporais e sua ordenação: uma visão funcional. 1994. Tese (Doutorado em Lingüística) Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 253.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem Funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ/Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Iara F. de Melo. Da Gramática ao Discurso: As múltiplas funções do item assim na língua falada em João Pessoa. In. CRHISTIANO Maria Elizabeth A; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da (orgs). *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 153-182.
- MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português Instrumental*. Porto Alegre: SagraLuzzatto, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto/Universidade Federal da Bahia, 1989.
- MAURER, JR. Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MAXIMINO, Maciel. *Gramática descritiva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ao Livro Técnico. 1978.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática dos Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- NUNES, José Joaquim. *Crestomatia Arcaica*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1906.
- OITICICA, José. *Manual de Análise* (léxica e sintática). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1940.
- OLIVEIRA, Cândido de. *Revisão Grammatical*. São Paulo: Editora Luzir, 1960.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Linguagem portuguesa*, apreciação e reprodução por Olmar Guterres da Silveira. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II: 1954.
- OLIVEIRA, Leonor de Araújo Bezerra. *A trajetória de gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista*. Natal, 1997. 97 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

- PANTA, Maria Regina. Pronomes Adverbiais U e *Onde* nas Cantigas de Amigo Galego-portuguesas: Trajetória de uma Gramaticalização. In. *Anais do Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro: CFEFIL – UERJ: 2006. p. 12-20.
- PAUL, Hermann. *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.
- RANAURO, Hilma. *Significação e Relação: a carga semântica dos elementos conectivos*. Rio de Janeiro: Universal Produções. 2004.
- PIRES DE OLIVERA, Roberta. Os caminhos do 'onde': uma contribuição da semântica ao ensino da língua materna. In. CABRAL, Loni Grimm; GOSKI, Edair (orgs.) *Lingüística e Ensino: Reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998, p. 147-164.
- POSSENTI, Sírio. *A cor da língua e outras crônicas de lingüística*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 2001.
- RAVIZZA, João P. *Gramática Latina*. Niterói: Escola Industrial Don Bosco, 1940.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1994.
- RÓNAL, P. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- SALOMÃO, Margarida Maria. *Idiomaticidade e Motivação Cognitiva: a face-de-jano na gramática*. Juiz de Fora: UFJF, 1994. .
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português: Etimológico, Prosódico, Histórico, Geográfico, Mitológico, Biográfico etc*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- SARTORI, Adriane. O uso inadequado de *onde* e *mas* em textos de alunos. In. Bertussi, Lisana (org). *Mestres em Letras*. Caxias do Sul: UCS/Editora, 1998.
- SILVA, Antonio Moraes. *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, s/d.
- SILVA, Camilo Rosa; CRHISTIANO, Maria Elisabeth A. A trajetória de Gramaticalização do item lingüístico *não*. In: CRHISTIANO, Maria Elisabeth Afonso; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da (orgs). *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 209-230.

SILVA, Camilo Rosa. *Mas tem um porém: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. João Pessoa (2005): Programa de Pós-Graduação em Lingüística (tese de Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba.

SILVEIRA BUENO, Francisco de. *Dicionário Etimológico e Prosódico da Língua Portuguesa*. Santos: Editora Brasília, 1974. 6 volumes.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Livraria Portugal, 1964.

SOARES BARBOSA, Jeronymo. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza – ou principios da gramatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1716. Edição Fac-similar.

SOUZA, Valéria Viana. *Os (Des)caminhos do Você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência*. (2008). 222p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal da Paraíba.

SOUZA, Emilia Helena Portella Monteiro de. *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. Salvador – BA, 2003. 284 p. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras: Universidade Federal da Bahia.

TAVARES, Maria Alice, FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica, Contribuições da Lingüística Funcional para a Prática Cotidiana da Gramática em Sala de aula: Análise de Textos Oraís e Escritos. In. *Anais do V SELIMEL*, Campina Grande: Bagagem/ UFCG, junho, 2007. CD-ROM.

TAVARES, Maria Alice. *Variação no Uso dos Conectores Sequenciadores: Uma Questão de Coerência?* In. HORA, Dermeval; BARROS, Antonio dos Martírios (eds). *Revista Língua (gem)*. Macapá: ILAPEC, 2004. p. 157-190.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1990.

TRAUGOTT, E.C; KÖNIG, E. The Semantic-pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (orgs). *Approaches to Grammaticalization*. Amesterdan: John Benjamins, 1991.

VIANA, Gonçalves. *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves s/d.

VOTRE, Sebastião Josué. *Lingüística Funcional: teoria e prática*. Québec: Université Laval, 1992.

VOTRE, Sebastião Josué, et al. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 2004.